

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES - CPqAM
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA - NESC**

**SAÚDE E COMUNICAÇÃO
UM DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DOS JORNAIS DE PERNAMBUCO**

**CHRISTIANI GONDIM
VERONICA ALMEIDA**



ABEL MENEZES (ORIENTADOR)

(043.41) 1999

G687s

Ex.2

RECIFE, 1999

CHRISTIANI GONDIM
VERONICA ALMEIDA



SAÚDE E COMUNICAÇÃO
UM DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DOS JORNAIS DE PERNAMBUCO

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção de título de Especialista no Curso de Pós-Graduação *latu sensu* a nível de Especialização em Saúde Pública do Departamento de Saúde Coletiva/CPqAM/FIOCRUZ/MS, sob a orientação do Professor Abel Menezes.

Recife – 1999

CHRISTIANI GONDIM

VERONICA ALMEIDA

SAÚDE E COMUNICAÇÃO
UM DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DOS JORNAIS DE PERNAMBUCO

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista no Curso de Pós-Graduação *latu sensu* a nível de Especialização em Saúde Pública do Departamento de Saúde Coletiva/CPqAM/FIOCRUZ/MS, pela Comissão formada pelos Professores:

Orientador: _____

Abel Menezes - Professor do Departamento de Saúde Coletiva (Nesc/CPqAM)

Debatedor: _____

Carlos Antônio Alves Pontes - Professor do Departamento de Saúde Coletiva (Nesc/CPqAM)

Recife -1999

Agradecimentos

Georgia Leal

Ana Elizabeth Galanternick

Nelson Almeida

André Galvão

Nara Lúcia Santana

Isaltina Melo

Fabiane Cavalcanti

Nossa Família

Todos que direta e indiretamente colaboraram e deram incentivo para à elaboração
deste trabalho

"Uma população submetida à desinformação, desmobilizada pela inconsciência do real, domesticada à submissão e ao fatalismo não se constitui em protagonista de seu caminho, da sua própria mudança e está condenada a cumprir passivamente o papel que o enredo dominante lhe destina, ou seja, sofrer a dor da miséria." [...]

Herbert de Souza

RESUMO

O objetivo deste estudo é verificar a inserção de temas relacionados à saúde e ao saneamento nos três jornais de maior circulação em Pernambuco. Trata-se de um diagnóstico preliminar sobre as edições de 08 a 22 de setembro de 1999 do Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio. Os textos foram analisados segundo tema, editoria, forma de apresentação, fonte e natureza do texto.

Ficou constatada uma frequência maior de textos sobre casos de violência (causas externas), seguido por doenças, eventos e promoções pessoais, Sistema Único de Saúde, abastecimento d'água e coleta de esgoto. A fonte mais citada nas notícias são o governo e instituições que o representam.

A cobertura é pulverizada, com tendência ao sensacionalismo em alguns casos e desvinculada do perfil epidemiológico do Estado. Os textos relativos à violência e ao saneamento também são descontextualizados da questão saúde, confirmando uma tendência já verificada por autores como Wilson Bueno e Bonaerges Lopes.

O trabalho aponta para a necessidade de novas pesquisas e um elo permanente entre Imprensa e Saúde Pública.

SUMÁRIO

Introdução	08
Objetivos	11
1. Materiais e Métodos	12
2. Comunicação e Saúde	18
3. Perfil Epidemiológico e Condições de Saneamento	24
4. Os jornais em estudo	29
5. Resultados	31
6. Discussão	49
7. Conclusões	56
8. Referência Bibliográfica	58
Anexos	61

INTRODUÇÃO

Levar a informação além do espaço e do tempo é uma preocupação antiga e natural do ser humano. Das remotas gravuras rupestres à moderna rede mundial de computadores (Internet), o homem sempre esteve em busca de uma comunicação dinâmica e duradoura, permitindo um elo constante entre o passado, o presente e o futuro. Afinal, a mensagem informa, instrui, propaga-se e torna comum as idéias. A troca de informações é co-responsável pela organização social, quadro de saúde, bem-estar, desenvolvimento cultural e econômico de um povo.

Na hora em que perseguimos melhoria das condições sanitárias e desenvolvimento sustentável para o Brasil, não há como deixar de lado os meios de comunicação de massa. Toda a discussão da 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em março de 1986, que suscitou a reforma sanitária, trouxe uma concepção de direito à saúde com significado de conquista social. E, nessa conquista, estão implícitas educação e informação plenas.

O rádio, a TV e a própria Internet são meios dinâmicos na transmissão de informações às massas. Mas o jornal está longe de perder sua importância nessa tarefa diária de atualizar as pessoas: oferece um volume maior de informações e alimenta os demais veículos, atingindo indiretamente diferentes classes sociais. José Marques de Melo¹ diz que nenhum veículo substitui ou aniquila o outro. Ao contrário, acelera e estimula o uso. Para ele, a imprensa, sempre será indispensável:

No século XX, os meios de comunicação audiovisual, suprimindo o exclusivismo da imprensa como veículo de comunicação de massa, geram um fenômeno inteiramente novo, a **retribalização universal**, com criação de uma aldeia global. A TV, porque usa a imagem, considerada a língua da evidência, seria o instrumento decisivo dessa revolução, retirando da marginalidade os analfabetos e vinculando-os à sociedade contemporânea. Essa é a tese de Marshal McLuhan. [...] É dentro desse contexto da retribalização que se prega a decadência da imprensa e do livro. Felizmente, a realidade mostra tendências diferentes. Ao invés de declínio, a imprensa e o livro continuam em fase de expansão. (Melo, 1998, p.232)

¹ Jornalista, docente - fundador da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e professor da Universidade Metodista de São Paulo. Desenvolve pesquisas em Comunicação Social e tem cerca de vinte livros publicados.

Se os meios de comunicação de massa (considerados o Quarto Poder) são importantes ao homem e ao desenvolvimento de uma sociedade saudável em todos os aspectos (biológicos, ambientais, políticos, sociais e éticos), antes de buscá-los como aliados na promoção de saúde, é necessário analisar o trabalho que desempenham - campo pouco explorado em Pernambuco. É preciso verificar como se comportam na tarefa de retratar e conduzir a história.

O trabalho a seguir – um diagnóstico preliminar da inserção de textos relacionadas à **Saúde** e ao **Saneamento Ambiental** nos três jornais do Estado - é uma tentativa de aproximar a visão dos sanitaristas sobre a comunicação social. O primeiro passo antes de uma análise mais profunda e detalhada sobre todos os aspectos que envolvem a relação saúde pública - imprensa.

A princípio podemos supor que o espaço e o tratamento dado aos temas que retratam a **Saúde** e o **Saneamento Ambiental** ainda estão distantes do ideal; que a cobertura dos jornais é parcial e pouco profunda na discussão das causas, atrelando-se à reprodução de um pensamento único, aos interesses particulares e de grupos dominantes. Para Wilson Bueno, “podemos definir a prática brasileira de comunicação para a saúde a partir de uma série de parâmetros como a descontextualização, a centralização do foco na doença, a visão preconceituosa das terapias e medicinas alternativas, a ideologia da tecnificação, a legitimação do discurso da competência e a espetacularização da cobertura na área médica, entre outros” (BUENO, 1996, p.15).

Pernambuco tem sérios problemas de saúde. Quase 80% dos mais de sete milhões de habitantes não são atendidos por rede de esgoto doméstico. Os índices de mortalidade infantil e das mortes por causas externas (violentas) são altos, sem falar nas outras formas de adoecimento. O estado é parte de um Brasil que vive o paradoxo de uma rede desenvolvida de comunicação de massa e níveis de escolaridade heterogêneos. País subdesenvolvido, mergulhado numa crise social, política e econômica, onde a recessão e a diminuição do papel do Estado colocam em xeque a universalização dos serviços públicos de saúde e agravam as condições de vida da população. Nação com leis progressistas, onde saúde e educação são dever do Estado e direito de todos, mas pouco cumpridas, diante de uma organização com pouco poder político, salvo alguns movimentos, como a luta pela

reforma agrária e redes de organizações não-governamentais, principalmente as ligadas à mulher.

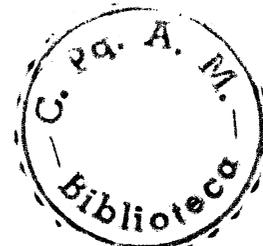
É um Brasil aparentemente impotente para enfrentar sua transição epidemiológica que mistura antigas mazelas como as Doenças Infecciosas e Parasitárias (DIPs), as doenças crônico-degenerativas, típicas do envelhecimento e o novo desafio: a violência, principal causa de morte da população jovem de Pernambuco.

Nosso objetivo geral é verificar a inserção dos temas relacionados à **Saúde** e ao **Saneamento Ambiental** nos três jornais. Os específicos são classificar os textos, segundo subtema; principal fonte de informação, editoria, natureza (informativa, opinativa), forma de apresentação e tratamento (matéria simples ou com ilustração, artigo, carta, manchete, foto-legenda etc); identificar se os jornais estabelecem uma linha editorial ou espaço fixo para as questões relacionadas à saúde e ao saneamento ambiental; observar se as informações retratam o perfil epidemiológico e as condições de saneamento locais; e se os textos sobre problemas ambientais fazem referência à saúde.

Com esse diagnóstico pretendemos discutir a visão da imprensa sobre a saúde pública e estimular novas pesquisas. O trabalho foi realizado ao longo de um mês e meio, sendo objeto de estudo as edições do Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Folha de Pernambuco, de 08 a 22 de setembro de 1999.

Antes de descrever os resultados, oferecemos no primeiro capítulo informações sobre o método utilizado na pesquisa. No segundo, há uma breve discussão sobre o que vem a ser comunicação, jornalismo e saúde, como também fazemos referência a pesquisas realizadas nesse campo. No seguinte, apresentamos um resumo do quadro epidemiológico e das condições de saneamento de Pernambuco. Em seqüência, damos esclarecimentos sobre os três jornais que foram objeto de pesquisa. O quinto, o sexto e o sétimo capítulo são dedicados, respectivamente, aos resultados da pesquisa nos jornais, a uma discussão sobre as constatações e às conclusões finais.

OBJETIVO GERAL



Verificar a inserção de temas ligados à **Saúde** e ao **Saneamento Ambiental** nos três jornais de Pernambuco.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Quantificar os textos relativos à **Saúde** e **Saneamento Ambiental**, segundo subtema, editoria, forma de apresentação, natureza do texto e fonte;

Identificar, se os jornais estabelecem linha editorial e espaço fixo para os temas **Saúde** e **Saneamento Ambiental**;

Observar se as informações veiculadas retratam o perfil epidemiológico e as condições de saneamento locais;

Verificar se os textos sobre violência e questões ambientais fazem referência à saúde.

1 – MATERIAIS E MÉTODOS

1.1. Fases da Pesquisa

A pesquisa foi dividida em cinco fases: coleta dos jornais, seleção dos textos, quantificação de acordo com variáveis pré-estabelecidas, análise dos resultados e levantamento bibliográfico. Foram objeto de estudo 45 edições de jornais referentes ao período 08 a 22 de setembro de 1999, sendo 15 edições consecutivas de cada um dos três veículos-alvo (Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio). Além de atender ao tempo disponível para a execução das atividades, o período deve fornecer uma amostra significativa da cobertura feita pela imprensa sobre fatos relacionados à saúde e ao saneamento ambiental. Tempo inferior poderia prejudicar o estudo, uma vez que um assunto em destaque permanece, em média, uma semana nas manchetes, dando margem a conclusões distorcidas.

A análise abrangeu todas as páginas e editorias, excluindo apenas os cadernos “classificados” que só publicam anúncios pagos. Para a seleção, foram verificados todos os textos publicados. Foram selecionados textos nas mais diferentes apresentações, elaboradas por jornalistas, colaboradores e leitores.

Desde a seleção, separamos os textos em dois grupos. No primeiro, os relacionados à saúde da população, como doenças, agravos, tratamentos, programas, orçamentos, serviço, profissionais e eventos. No segundo, aqueles referentes ao saneamento ambiental, enfocando aqui questões como abastecimento d'água, coleta e tratamento de esgoto, recolhimento e tratamento do lixo e drenagem, poluição, devastação das matas e seca. Excluímos, entretanto, os textos que enfocavam mortes por guerra e catástrofes internacionais como terremotos, furacões e grandes enchentes. Embora traduzam a situação de saúde do homem e do ambiente, essas notícias não se identificam com a realidade brasileira e de Pernambuco.

1.2. Variáveis

Em "Saúde", na variável tema, os informes sobre mortes relacionadas a causas externas foram quantificados separadamente. Do grupo "Doenças" excluímos os textos sobre saúde feminina e reprodutiva, e saúde mental, agrupados isoladamente. A mortalidade infantil também ficou à parte, a exemplo das campanhas de vacinação e do uso de drogas. Nas tabelas colocamos em destaque os temas de maior frequência e/ou importância, agrupando os textos.

1.2.1 Variável Tema

Saúde

Alimentação - Informação sobre nutrição, dietas para tratar e prevenir doenças e alimentos impróprios.

Causas Externas – Casos de violência sexual, agressão, assassinato, acidente do trabalho e de trânsito; como também repercussão e análise sobre a incidência.

Doença

AIDS - Tudo relacionado à incidência e peculiaridades da doença: tratamento, assistência, prevenção, serviços e leis.

Cardiovasculares - Incidência, tratamento, prevenção de AVC, infarto, hipertensão, varizes e outras relacionadas.

DIP (Infecciosas e Parasitárias) - Exceto AIDS, todas. Incidência, tratamento e prevenção.

Outras – Aquelas citadas em menor número de vezes (câncer, Alzheimer, digestiva, respiratória e oftalmológica).

Campanha de Vacinação – Campanhas e cobertura.

Drogas – Consumo de drogas como álcool, cigarro, maconha, cocaína, outros entorpecentes e psicotrópicos.

Erro médico – Denúncia de casos.

Estética – Tratamentos e produtos de beleza.

Eventos e Promoção Pessoal – Simpósios, congressos, palestras, feiras e seminários do setor saúde, como também notas enfocando a qualificação pessoal de profissionais e a presença deles em acontecimentos da vida social.

Filantropia – Instituições e campanhas beneficentes.

Medicamentos – Lançamento, resultados e falta.

Medicina Alternativa – Tratamentos (produtos e serviços) não reconhecidos pelas escolas médicas.

Medicina Privada – Serviços particulares (clínicas, hospitais, laboratórios).

Prevenção – Programas generalistas de promoção de saúde.

Saúde da Mulher – Questões de saúde reprodutiva (anticoncepcionais, gravidez, inseminação artificial), TPM, reposição hormonal e exames específicos.

Saúde Mental – Questões relativas ao estresse, depressão e tratamento psiquiátrico.

Seguro-Saúde – Serviços e questões relativas a planos de saúde.

SUS – Serviços e financiamento do Sistema Único de Saúde.

Tecnologia e Avanço Médico – Novas técnicas, tratamentos e equipamentos.

Transplante – Cirurgias inéditas de transplante de órgãos e tecidos.

Vigilância Sanitária – Ações.

Outros Temas – Curiosidades médicas e fatos raros, infecção hospitalar, saúde bucal e do homem. (Todos correspondentes a menos de 1% do material selecionado em todos os jornais).

Saneamento

Abastecimento d'água e esgoto – Carência, serviços, projetos, qualidade e privatização.

Agrotóxicos – Intoxicação por uso.

Ecologia – Ações e programas.

Erosão – Casos, causas e conseqüências.

Eventos – Seminários, simpósios, congressos e palestras sobre o tema.

Financiamento – Orçamento e política.

Leis – Projetos e legislações.

Lixo – Coleta, tratamento, resíduos sólidos e reciclagem.

Poluição – Do mar, dos rios, do ar e sonora.

Queimadas – Destruição da mata, ações e combate.

Reflorestamento – Ações e programas.

Saúde Ambiental – Programas generalistas.

Seca – Estiagem no interior, conseqüências, políticas, propostas e programas.

1.2.2 Variável Editoria

Saúde e Saneamento

Local – Informações locais, referentes à Região Metropolitana do Recife. A editoria de cotidiano da cidade recebe diferentes nomes: Vida Urbana no Diário de Pernambuco, Cidades. no Jornal do Commercio e Grande Recife na Folha de Pernambuco.

Brasil/Nacional – Tratam das notícias do país.

Primeira página - Vitrine do jornal, onde são destacadas as manchetes e notícias mais interessantes presentes no corpo do jornal.

Economia – Fatos relativos à economia e aos negócios comerciais, industriais e de serviços.

Culturais – Relativos a entretenimento e cultura. Chama-se Viver no Diário, Caderno C no Commercio e Programa na Folha.

Social – Colunas social: Dia-a-dia no Jornal do Commercio, Foco na Folha e João Alberto no Diário.

Opinião – Textos opinativos, desde colunas, cartas de leitores, artigos, charges e o editorial do jornal (opinião da empresa). Chama-se Opinião no Jornal do Commercio, Editorial no Diário e Cidadania na Folha.

Segunda Capa – Misto de capa e últimas notícias. Só existe no Jornal do Commercio.

Ciência e Meio Ambiente – Só circula no JC. Página destinada à divulgação de pesquisa científica e fatos relacionados ao meio ambiente.

Dentro de cada editoria há colunas de notas e comentários, com autor próprio, isto é, assinada por um jornalista.

1.2.3 Variável Forma de Apresentação

Saúde e Saneamento

Matéria – Texto jornalístico, que informa fatos e pode vir acompanhado de fotos ou ilustrações.

Notas – Pequenos informes que podem ser apresentados dentro de colunas

específicas ou soltas na página.

Chamadas – Pequenas notas que anunciam a matéria. Geralmente vêm na Primeira Página do jornal ou de cadernos específicos.

Artigos – Não necessariamente escrito por jornalista. Geralmente elaborado por colaboradores. São comentários sobre fatos ou situações.

Cartas de leitores – Como o nome diz, elaboradas por leitores do jornal e expressa opinião sobre matérias ou assuntos.

1.2.4 Variável Natureza do Texto

Saúde e Saneamento

Informativo – Texto onde se omite a opinião do autor. Limita-se à narração de fatos ou dados.

Opinativo – A opinião do autor está explícita. Típico de artigos, comentários em colunas, cartas do leitor e editorial .

1.2.5 Variável Fonte

Saúde e Saneamento

Governo – Todas as instituições públicas (governos municipais, estaduais, federal, polícia e empresas públicas).

Comunidade/ONG/Sindicatos – Pessoas, associações de bairro, classe e organizações não-governamentais.

Instituições de Pesquisa e Ensino – Universidades, centros de pesquisa e escolas.

Instituições Privadas – Empresas e hospitais particulares.

Entidades Médicas – Sindicatos, conselhos e sociedades.

Não Citada (Off) – Omitida no texto.

1.3. Dados contextuais

Além da classificação dos textos, foram coletados dados contextuais para diagnóstico da situação, tais como perfil epidemiológico e condições de saneamento ambiental; pesquisas anteriores sobre a cobertura da mídia em assuntos de saúde; conceitos de comunicação de massa e saúde pública. Também foram levantadas

informações sobre os três jornais e perfil de leitores. Esse levantamento se deu através de leitura de edições de dias diferentes, para observação de número de tiragem e páginas, como também por meio de questionário endereçado às chefias de reportagem dos três jornais. O questionário indagou sobre número e perfil sócio-econômico dos leitores, tiragens de segunda a domingo, existência de pesquisa sobre opinião de leitores e respectivo resultado, tratamento dado aos temas "Saúde e Saneamento", a visão que as chefias têm sobre os dois assuntos e a forma como são abordados pelo jornal.

Com relação a pesquisas anteriores, após uma consulta prévia ao Grupo de Trabalho da Sociedade Brasileira de Estudos em Comunicação (Intercom), tivemos acesso a algumas publicações. Seleccionamos, então, as que tinham objetivos semelhantes aos nossos e outros que davam referências conceituais. Também pesquisamos na Internet trabalhos sobre os meios de comunicação e a "Saúde". Lá encontramos o site da Comissão de Cidadania e Reprodução, que divulga boletim "Olhar Sobre a Mídia".

Para construir os perfis epidemiológico e de saneamento, buscamos formações nas Pesquisas Por Amostragem Domiciliar (PNAD) do IBGE, Informe Epidemiológico do SUS, dados do DATASUS/Ministério da Saúde, disponibilizado pela Internet, levantamentos das Secretarias de Saúde de Pernambuco e do Recife e da Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA).

2 - COMUNICAÇÃO E SAÚDE

2.1. Definindo Comunicação

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira define comunicação como “ato ou efeito de comunicar (-se); processo de emissão, transmissão e recepção de mensagens por meio de métodos e/ou sistemas convencionados; a mensagem recebida por esses meios; a capacidade de trocar ou discutir idéias, de dialogar, de conversar, com vista ao bom entendimento entre pessoas”.

Melo, afirma que jornalismo é comunicação coletiva (1998, p. 74). No sentido amplo, pode ser entendido como qualquer atividade humana da qual resulte a transmissão de uma notícia ou informação da atualidade. Entretanto, as mais rudimentares formas de informação e propagandas (gazetas manuscritas) que existiram no século XV não são produtos desse mesmo jornalismo, já que não representam comunicação coletiva.

Para Melo, jornalismo como comunicação coletiva só surgiu depois da implantação da tipografia, já que nos séculos XV e XVI predominava um controle rígido nos trabalhos de impressão (antes de o alemão Johan G. Gutemberg inventar a tipografia, por volta de 1400, já circulavam folhas informativas que muitos consideravam jornais). Ainda segundo Melo, o jornalismo só cumpriu seu papel de forma mais ampla em meados do século XIX: “A idéia da difusão coletiva está intimamente vinculada à produção em massa, que surge no bojo da Revolução Industrial, e para qual o invento de Gutemberg foi decisivo” (1998, p.74).

Segundo o teórico, para caracterizar cientificamente o jornalismo é necessária a coexistência de **atualidade** (do cotidiano, presente, efêmero), **oportunidade** (periodicidade), **universalidade** e **difusão coletiva**. Essa universalidade, segundo ele, nunca pode compreender “a realidade objetiva, mas a realidade dos mundos presentes tanto dos jornalistas (intenções) quanto dos leitores (preferências) em relação ao conteúdo”. A difusão coletiva define o jornalismo como instrumento público ao alcance de todos. “Isso se processa através dos seus veículos – a imprensa, o rádio, a televisão e o cinema - que poderão ser utilizados por quaisquer indivíduos, para a recepção de informações” (Melo, 1998, p.74). Por

isso, as mensagens de comunicação social emitidas na fase anterior à da tipografia, sobretudo as cartas manuscritas, possuíam atualidade, oportunidade, mas não difusão coletiva, pois eram destinadas a público restrito.

No Brasil a imprensa e o livro chegaram tarde². Ao contrário dos países vizinhos, colonizados pelos espanhóis, onde a cultura gutenberguiana se desenvolveu desde os primórdios, na América portuguesa prevaleceu a cultura oral. Numa sociedade predominantemente rural e constituída na maioria por analfabetos, o livro e a imprensa não se justificavam. Somente no século XIX, quando começa a mudar a vida social e se fixam grupos de letrados, tem início a educação sistemática. Mesmo assim questiona-se a qualidade do jornalismo praticado na época. Hoje são dezenas de jornais em circulação, transportando um volume imenso de notícias e formando a opinião pública na chamada era da democratização.

2.2 Definindo Saúde e Saneamento

Saúde, para Aurélio, é “o estado daquele cujas funções orgânicas se acham em situação normal.” (FERREIRA, 1993) Na Conferência Internacional sobre cuidados primários de saúde, que aconteceu no ano de 1978 em Alma-Ata (antiga União Soviética), ficou declarado solenemente que “a saúde consiste num estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas na ausência de doença ou enfermidade” (MINAYO, 1995); que ela é direito fundamental dos seres humanos e que o acesso ao nível de saúde mais elevado possível é objetivo social extremamente importante, que interessa ao mundo inteiro e supõe a participação de numerosos setores sócio-econômicos, e não exclusivamente daqueles ligados à

² É sob o signo do oficialismo e com atraso de três séculos que se inaugura a imprensa no Brasil, em 1808. A administração colonial portuguesa impede a tipografia e o jornalismo até à chegada de D. João VI. Em maio, instala as oficinas da Imprensa Régia, e, em setembro, faz circular a Gazeta do Rio de Janeiro. (BAHIA, 1990, p. 9).

A imprensa brasileira nasceu política, de oposição e perseguida. [...] Hipólito José da Costa, gaúcho de Porto Alegre, nosso grande patrono, pioneiro da imprensa política em língua portuguesa, teve de lançar seu 'Correio Braziliense ou Armazém Literário' (1º de junho de 1808, exatamente há 180 anos), no duplo exílio de Londres. [...] Três meses depois do lançamento do jornal de Hipólito da Costa, saía, em 10 de setembro de 1808, o primeiro 'Diário Oficial' do governo brasileiro, a 'Gazeta do Rio de Janeiro', submetida à censura do palácio e dirigida por um funcionário do Ministério das Relações Exteriores, frei Tibúrcio da Rocha (diplomata do Itamarati, um Sérgio Amaral de dois séculos atrás). (NERY. In: Anais do XXIII Congresso Mundial dos Jornalistas).

saúde. O Brasil, um dos 134 países membros presentes à conferência, subscreveu a meta de Saúde Para Todos no Ano 2000. E estendeu, pelo menos na sua legislação, o conceito de saúde. A lei 8.080, de 19 de setembro de 1990, a Lei Orgânica da Saúde, diz: "A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a educação, o transporte, o lazer, o acesso aos bens e serviços essenciais".(DUCHIADE. In: Os muitos Brasis. 1995, p. 15). E que os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica de um povo. Saneamento básico, que para os leigos consiste apenas em serviços de água encanada e esgoto, tem, desde a década de 80, nova denominação e conceito: chama-se saneamento ambiental e suas atividades compreendem abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos, drenagem urbana e controle de vetores.³

2.3.A Relação Saúde e Imprensa

Definidas comunicação e saúde, pergunta-se: há alguma relação entre elas? A 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em março de 1986, declarou que o direito à saúde implica em educação e informação plenas. A vinculação oficial entre as duas é muito anterior. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, que data de 10 de dezembro de 1948, estabelece:

Artigo XIX – Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios independentemente de fronteiras.

Artigo XXV – Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

Além de serem direitos universais, comunicação e saúde estão protegidas pela Constituição Brasileira, promulgada em outubro de 1988:

³ Na análise dos textos de jornais excluímos o controle de vetores do subtema saneamento ambiental e acrescentamos poluição e agrotóxicos.

Capítulo I

Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos

Artigo 5º

XIV – É assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional.

XXXIII – Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do estado.

Capítulo II

Dos Direitos Sociais

Artigo 6º – São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Constituição Federal, 1993, p. 6-10)

Portanto, saúde e comunicação não só são dois direitos fundamentais do cidadão. Para uma saúde ampla, da pessoa, do ambiente físico e social, a difusão de informações importa e muito.

Vivemos numa época em que a mídia assume um papel de educador coletivo, podendo facilitar a difusão de conhecimentos capazes de orientar o comportamento dos cidadãos no tocante ao cuidado com o corpo e a preservação do seu bom funcionamento, em todas as suas dimensões. Nesse sentido, a comunicação pública sobre temas ligados à saúde coletiva tem todas as condições para informar adequadamente a comunidade, reduzindo demandas dos serviços sanitários, aos quais a população acorre por desconhecimento. Da mesma maneira, pode tranquilizar ou alertar as pessoas sobre os perigos das endemias. E muitas outras funções a imprensa tem o dever de cumprir. (MELO. In Imprensa e Saúde Pública. O Público que se dane, 1996. p.11)

O papel dos meios de comunicação de massa como fenômeno característico de mudanças na sociedade vem sendo estudado há tempo por cientistas sociais. Mais recentemente, a comunicação em saúde desperta o interesse de pesquisadores da saúde pública e do jornalismo.

Pesquisas de vários portes estão sendo realizadas no Brasil para analisar a cobertura dos meios de comunicação sobre assuntos relacionados à saúde. Uma delas faz parte do projeto COMSALUD (Cobertura da Saúde nos Meios), cujo protocolo de investigação foi elaborado na Universidade de Lima (Peru), em fevereiro de 1997, do qual participaram representantes de universidades comprometidas com o programa e da Organização Pan-americana de Saúde (OPS). O objetivo do trabalho é fazer um diagnóstico da cobertura em vários países latino-

americanos. Alguns resultados já foram obtidos por pesquisadores da Universidade Metodista de São Paulo, Universidade Gama Filho (RJ) e Universidade Estadual de Campinas (SP). Os achados mostram que o espaço dado ao tema ainda é pequeno. “Somados todos os veículos, obtemos a média de 5,9% do espaço dedicado aos temas de saúde. O veículo que mais dedica espaço é a revista (16,0%), seguido pelas rádios (5,3%). Os jornais diários dedicaram 1,9% de seus espaços às mensagens de saúde. Na televisão, apenas 0,4% do tempo foi ocupado com o tema” (MENEZES, In: Anais do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997. p. 119).

Outra constatação da pesquisa (que abrangeu dois jornais, uma revista de circulação nacional, rádios e uma TV): Mesmo quando o tema saúde é alvo do noticiário, sua abordagem é quase sempre sob o ponto de vista negativo. Em temas como ‘serviços de saúde’, por exemplo, prevalecem os argumentos de incompetência e mal-estar. Outros descritores temáticos, como tabagismo, câncer e violências e acidentes, que poderiam ser alvo de grandes campanhas, também não estão satisfatoriamente cobertos” (MENEZES, 1997, p. 119). Entre as doenças relacionadas pelo autor, estão justamente as causas externas (violentas).

Além desse projeto, atua desde 1991 a Comissão de Cidadania e Reprodução, um grupo formado por profissionais das ciências médicas, humanas e sociais, com objetivo de defender os direitos reprodutivos e de sexualidade. Há três anos o grupo, com apoio de duas instituições estrangeiras, publica o boletim *Olhar Sobre a Mídia*, que faz uma análise das notícias sobre saúde reprodutiva e sexualidade veiculadas nos quatro principais jornais do Brasil: Folha e Estado de São Paulo, Jornal do Brasil e O Globo. De maio a agosto de 1999, o grupo constatou que 46,5% das notícias sobre a área estudada referiam-se à gravidez, parto, pré-natal e puerpério, 11,4% à reprodução assistida, 11,2% à anticoncepção, 4,7% clonagem, 4,1% aleitamento. As demais estão distribuídas em diversificados temas.

Nas duas pesquisas há preocupação não só com o tema das reportagens, mas com a relação entre imprensa e saúde que está por trás do produto final. Uma relação conflituosa, para alguns. Boanerges Lopes e Josias Nascimento dizem que “quando não tendenciosas e conseqüentemente desinformativas, as coberturas estabelecidas pelos meios de comunicação demonstram que existem dificuldades no

relacionamento entre as denominadas fontes jornalísticas (médicos e demais profissionais de saúde) e repórteres, refletindo-se sobremaneira na apresentação das informações para a opinião pública” (LOPES, 1996, p.14). Segundo eles, as matérias sobre o setor saúde são relegadas a segundo plano, distribuídas em editoriais de cidade e polícia e caracterizadas pela denúncia e apresentação desordenada das informações. Com isso, ao invés de aproximar o leitor da realidade, “instigando a sua percepção e sensibilizando-o a interferir ou, ao menos, participar diretamente do processo de transformação social para melhorias do setor saúde, criam situações de banalização”, através de informações alarmistas, descontextualizadas, algumas matérias inclusive demonstrando preconceito ou reforçando mitos. Exemplos: "Catástrofe do SUS no Rio", "Meningite Aumenta" e "Até os deuses erram". Como exemplos destes mitos, temos o médico considerado o “doutor” que tudo sabe.

Qual a causa dessa relação conflituosa e cheia de equívocos? Boanerges Lopes e Josias Nascimento afirmam que há despreparo dos dois lados. "A imprensa e o setor saúde têm o papel fundamental de mobilizar a opinião pública, a responsabilidade conjunta de apontar os caminhos mais corretos e, para isso, devem cercar-se de procedimentos éticos e esclarecedores, buscando cada vez mais uma proximidade com o sentido pleno de cidadania. Pois como diz o educador Paulo Freire, ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão" (LOPES, 1996, p. 15).

3 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E CONDIÇÕES DE SANEAMENTO

3.1. Perfil epidemiológico

Maurício Barreto diz que "as duas últimas décadas representaram para o Brasil um período de importantes mudanças nas condições de vida e saúde da sua população" (BARRETO, 1999, p. 7). Ele chama a atenção para fatos como o aumento significativo da expectativa de vida e reduções acentuadas em indicadores como mortalidade infantil e mortalidade proporcional por doenças infecciosas. Entretanto, segundo o autor, há velhos problemas que persistem, outros que ressurgiram e ainda os que estão aparecendo pela primeira vez. Os antigos são as disparidades macro e micro regionais no interior do país, e as grandes endemias (doença de Chagas, esquistossomose, malária etc), como também a crise generalizada do sistema de assistência à saúde. Os novos vão desde o crescimento da violência às doenças e agravos à saúde de origem ambiental e ocupacional, além de uma população cada vez maior de idosos. Ao lado de tudo isso, reaparecem velhos conhecidos como dengue e cólera [...]

A transição epidemiológica na América Latina se deu com um modelo contraditório do perfil de morbidade e mortalidade. É de conhecimento corrente, o fato dessa transição ocorrer de maneira divergente entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos (Araújo, 1992, p. 7).

Ao examinar as condições de saúde da América Latina, Frenk et. al. distingue o estudo das mudanças nos processos de saúde e enfermidade, que definem o perfil epidemiológico de uma população (o conceito de transição epidemiológica em sentido restrito) e a resposta socialmente organizada a tais mudanças (transição de atenção sanitária). A premissa básica desses autores é de que os países latino-americanos são qualitativamente diferentes das nações desenvolvidas e reproduzem formas sócio-estruturais diferenciadas. (Frenk et. al. apud Barreto, 1993, p.137)

A taxa de mortalidade infantil (/1000 nascidos vivos) no Brasil foi, em 1996, de 37,5, segundo registros do DATASUS/Ministério da Saúde. Comparando ao ano de 1990, quando a taxa era de 39,6, confirmamos a redução referida por Maurício

Barreto. Em 1996, a taxa de mortalidade infantil em Pernambuco foi de 62,5 e, no Nordeste como um todo, 60,4. As duas apresentaram-se acima da média nacional, indicando as disparidades regionais citadas pelo mesmo autor.

A redução da taxa de mortalidade infantil pode estar relacionada a uma melhoria na qualidade de vida da população, saneamento, alimentação e educação, mesmo sendo ainda insatisfatória. Estes fatores ajudam a diminuir a incidência de doenças infecciosas, principais causas de morte em menores de um ano. Costa observa, no entanto, que "(...)apesar de sua participação na composição das causas de mortalidade estar decaindo, ainda é alta se comparada a outros países, chegando a 7%. As doenças infecciosas e parasitárias ainda contribuem fortemente para os altos índices de mortalidade infantil registrados no Brasil" (COSTA, 1998, p. 53).

Desde o início da década, as mortes violentas ocupam o segundo lugar geral nas estatísticas do país. A taxa medida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para cada 100.000 habitantes em 1990, foi de 160,1 para doenças vasculares, seguida das causas externas com 70,1, neoplasias 57,3, doenças respiratórias 48,5 e por fim as Doenças Infecciosas e Parasitárias (DIPs), com 28,2 óbitos.

Em 1996, as mortes por causas externas também estiveram em segundo lugar geral no Brasil, conforme dados do DATASUS/Ministério da Saúde. Considerando ambos os sexos de todas as faixas etárias, segundo local de residência, o percentual de óbitos foi de 32,3% para as doenças do aparelho circulatório, 15,4% para causas externas, 13,4% para neoplasias, 11,5% doenças do aparelho respiratório e 6,8% em função de DIPs. No Nordeste, houve uma distribuição equivalente: 29,9% aparelho circulatório, 17% causas externas, 10,6% neoplasias, 9,4% as doenças do aparelho respiratório e 6,6% DIPs. Em Pernambuco as doenças do aparelho circulatório representaram 30,7% dos óbitos, as causas externas 17,7%, as neoplasias 10,4%, as doenças do aparelho respiratório 9,1% e doenças infecciosas 8,3%.

No Recife, um levantamento concluído em setembro de 1997 pela Secretaria Municipal de Saúde mostra que dos 9.466 óbitos registrados até aquela data e referentes a 1996 (correspondente a 94,7% das mortes esperadas), 14,5% (1.373)

ocorreram em função da violência. Foi a segunda causa de mortalidade geral entre os residentes no município, coincidindo com os anos de 1990 a 1995.

Enquanto isso, houve no país redução de doenças imunopreveníveis (preveníveis por vacina), como difteria, coqueluche e tétano. E uma delas, a poliomielite, foi erradicada desde 1994 no território nacional, embora a ameaça de reintrodução persista, por causa das epidemias na África, continente com o qual o Brasil mantém intercâmbio. A incidência do sarampo apresenta também uma redução e possui uma perspectiva de eliminação no futuro. Em 1996 o DATASUS/MS registrou 835 casos da doença no país, sendo 131 no Nordeste e nenhum em Pernambuco. Em 97, entretanto, ocorreu um surto em São Paulo e voltaram a aparecer casos em outros estados.

Outras doenças infecciosas persistem, caso da tuberculose, cuja taxa de incidência por 100 mil habitantes, no ano de 1996, em Pernambuco, foi de 58,3 e, no Brasil todo, 54,7. Em 1996 foram 600 mil casos de malária confirmados no país, segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). A taxa de detecção de hanseníase (casos novos por 10 mil habitantes) em 1996, em Pernambuco, foi de 3,6 e, no Brasil, 2,5. A de prevalência (casos existentes por 10 mil habitantes) ficou em 12,5 em Pernambuco e 6,7 no Brasil, segundo o DATASUS/MS. A Secretaria de Saúde do Recife aponta 36 casos e 22 mortes por esquistossomose em 1999.

Quanto às doenças que reapareceram, cólera e dengue estão em alta. A incidência da primeira em 1996, para cada 100 mil habitantes, foi de 3,2 em Pernambuco e 0,6 no Brasil. Em 1999, levantamento parcial da Secretaria Estadual de Saúde apontou 49 mortes pela doença que se caracteriza por diarreia e é transmitida no consumo de água e alimentos contaminados pelo vibrião colérico. O número de casos notificados de dengue – doenças relacionada à presença de mosquito que se desenvolve em água estagnada - no ano de 1996, de acordo com a FUNASA, atingiu 22.423 em Pernambuco.

A epidemia de AIDS, que foi descoberta no mundo no início dos anos 80, registrou no Brasil, em 1994, de acordo com a Coordenação Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde, 55.894 casos, com uma letalidade de 38,4%. A taxa de incidência de AIDS, em 1996, por 100 mil habitantes, foi de 4,8 em Pernambuco, 3,4 no Nordeste e 10,6 no Brasil. A prevalência, no mesmo ano e sobre a mesma base

populacional, foi de 18,5 em Pernambuco, 11,0 no Nordeste e 32,5 no Brasil.

Os números citados demonstram que o Brasil se aproxima dos países ricos, onde as doenças crônico-degenerativas assumem maiores proporções nas causas de morte e, ao mesmo tempo, continua com problemas típicos das nações pobres. Está mais do que explicado o título de "campeão mundial" da disparidade social.

3.2. Condições de Saneamento

A Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e relativa ao ano de 1995, aponta que 90,0% da população urbana e 77,0% do total da população está ligada à rede pública de abastecimento de água. No Nordeste o índice cai para 60,0% neste mesmo ano. Já em 1996, 77,6% estava ligada à rede geral e 22,4% tendo outra forma de abastecimento no país. Na Região Nordeste 62,8% da população geral recebe água encanada e 37,2% tem acesso a outra fonte de abastecimento. Quanto aos que moram na área urbana, a pesquisa aponta que 86,1% é ligada à rede e 13,9% é atendida de outra forma. De um ano para outro a situação parece não ter mudado muito.

Em Pernambuco, no ano de 1997, 66,5% da população recebia água encanada. Segundo a Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA), atualmente existem no estado 1.167.000 ligações de água, atendendo 87,7% dos domicílios. Os números, no entanto, não significam cobertura real. A população vive o pior racionamento d'água de sua história, passando de quatro dias (Região Metropolitana do Recife) a 45 dias (Caruaru) sem água.

Conforme a COMPESA, cerca de 18,0% das residências de Pernambuco são ligadas à rede coletora de esgoto. A Pnad de 1996 mostrou que cerca de 40,3% da população do Brasil tinha rede coletora, 23,3% fossa séptica, 26,0% era atendido de outra forma e 10,4% nada possuía. No Nordeste, a cobertura era menor ainda: 15,3% com rede coletora, 22,4% com fossa séptica e 33,7% com outra forma e 28,6% sem qualquer sistema de coleta de dejetos. Pernambuco apareceu na Pnad de 1997 com o seguinte quadro: 24,3% dos domicílios com rede coletora, 14,2% com fossa, 44,0% com outra forma e 17,6% sem qualquer tipo de esgoto.

Com relação ao destino do lixo, a Pnad de 1996, mostra que 73,2% da

população brasileira conta com coleta de lixo. O Nordeste aparece com cobertura de 50,1%, sendo que este índice cresce nas áreas urbanas para 72,9%. A mesma pesquisa, realizada em 97, indicou que Pernambuco tinha 54,7% da sua população atendida pela coleta pública diária.

De acordo com Costa, "As avaliações e a formulação das políticas de saneamento concentraram-se sobre as ações de águas e esgotos. Dessa forma, a própria compreensão integral da relação entre os processos de produção das cidades, ou impacto sobre o ambiente e sobre a qualidade de vida das pessoas, é parcial. [...] Os maiores problemas do ambiente urbano e de saúde são decorrentes da ocupação desordenada do solo, dos despejos domésticos *in natura* e industriais do lixo jogado a céu aberto e das inundações" (COSTA, 1998, p. 52-53).

Ficando notória a necessidade de maiores investimentos na área de saneamento ambiental para a melhoria do quadro epidemiológico do Brasil.

4 - OS JORNAIS EM ESTUDO

Os três jornais que foram alvo da pesquisa são os de maior circulação no Estado. O Diário de Pernambuco e o Jornal do Commercio têm, cada um, tiragens superiores a 100 mil exemplares no domingo e atendem sobretudo à classe média. Folha de Pernambuco, com pouco mais de um ano de vida, propõe-se a um público mais popular. O preço é menor e a edição tem menos páginas do que os outros dois, além de explorar bastante as ocorrências policiais.

O Diário é o jornal mais antigo da América Latina. Foi fundado em 1825 e chega aos leitores, nos dias de domingo, com cerca de 130 páginas. Nos dias úteis este número é menor (equivalente à metade). O jornal integra a Rede Associados, da qual faz parte o Correio Braziliense (Distrito Federal). Já o Jornal do Commercio foi fundado em 1919, é parte do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, composto também por emissoras de rádio e uma TV. É comandado há 12 anos pelo empresário João Carlos Paes Mendonça, principal acionista do Grupo Bompreço. Nos domingos o corpo do jornal também é maior, principalmente por causa de matérias especiais. Mais jovem, a Folha de Pernambuco foi fundada em abril de 1998 pelo empresário Eduardo Monteiro. Nos dias normais circula com 13 seções diferentes.

Conforme dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), o Jornal do Commercio é líder no Estado em circulação paga, ou seja, assinaturas. São 80.310 nos domingos e uma média de 54.408 nos demais dias. O Diário é campeão em vendas avulsas, nas bancas.

Uma pesquisa periódica, encomendada pelo JC ao instituto Marplan, dá mais detalhes sobre o perfil dos leitores. Uma análise referente ao primeiro semestre de 1999 disponibilizada pela empresa aponta que 398 mil pessoas lêem o jornal de segunda-feira a domingo. A maioria desses, 60%, tem idade entre 20 e 49 anos. Do total, 110 mil ganham dez ou mais salários mínimos, correspondendo a 48% da população com renda equivalente. Cerca de 75 mil são de nível universitário completo ou incompleto. Isto é, 53% da população do Grande Recife com instrução superior lê o Commercio, conforme a pesquisa. Aproximadamente 170 mil têm

automóvel e 84 mil possuem computador. Quanto ao sexo dos leitores, as mulheres são maioria aos domingos e segundas.

O interesse dos leitores pelo tema Saúde já foi medido pelo Jornal do Commercio. “Uma coisa unânime nas pesquisas de opinião é a opção dos leitores por matérias de sua comunidade, com assuntos próximos deles. Matérias de serviço também são muito bem – vindas e nesse contexto estão as de saúde”, diz Laurindo Ferreira, chefe de reportagem do JC.

Além de manter uma meia página diária sobre ciência e meio ambiente, o jornal, segundo Ferreira, procura divulgar notícias que tratam de saúde nas edições diárias, principalmente aos domingos. No mês de novembro de 1999 foi lançada uma página semanal sobre saúde. Ela circula no caderno de Cidades, o mais lido do Jornal. Estudos realizados pela Marplan em 1998, indicaram que de mil leitores, 298 tinham preferência por este caderno, que só perdeu para a primeira página.

Um levantamento realizado pela subeditora de Ciência e Meio Ambiente do JC, Fabiane Cavalcanti, mostrou que saúde é um dos temas prediletos dos leitores da coluna De Olho na Ciência, onde o leitor esclarece dúvidas com pesquisadores. Em 1997 a seção recebeu 41 correspondências com perguntas relativas à saúde.

5 - RESULTADOS



5.1. Inserção geral

A pesquisa realizada nas edições do Jornal Commercio (JC), Diário de Pernambuco (DP) e Folha de Pernambuco (Folha), de 08 a 22 de setembro de 1999, mostrou que os assuntos relacionados à saúde e saneamento ambiental foram citados em 924 textos. Isoladamente, este número ficou dividido assim: 203 inserções no JC (167 relacionadas à saúde e 36 ao saneamento ambiental), 314 na Folha de Pernambuco (267 saúde e 47 de saneamento ambiental), 407 no Diário de Pernambuco (327 saúde e 80 saneamento ambiental). Esses textos compreendem matéria, nota e foto-legenda produzidas por jornalistas, editoriais (opinião do jornal), artigos redigidos por colaboradores (jornalistas ou não) e cartas enviadas por leitores.

Como a quantificação foi feita pelo número de inserções dos temas e não pelo tamanho da área ocupada nas páginas (centímetro/coluna), não podemos indicar a dimensão do espaço dedicado ao assunto em análise.

Os três veículos publicaram mais textos sobre problemas ou questões relacionados à saúde do que em relação ao saneamento ambiental. **(Ver gráfico e tabela 01).**

GRÁFICO 01

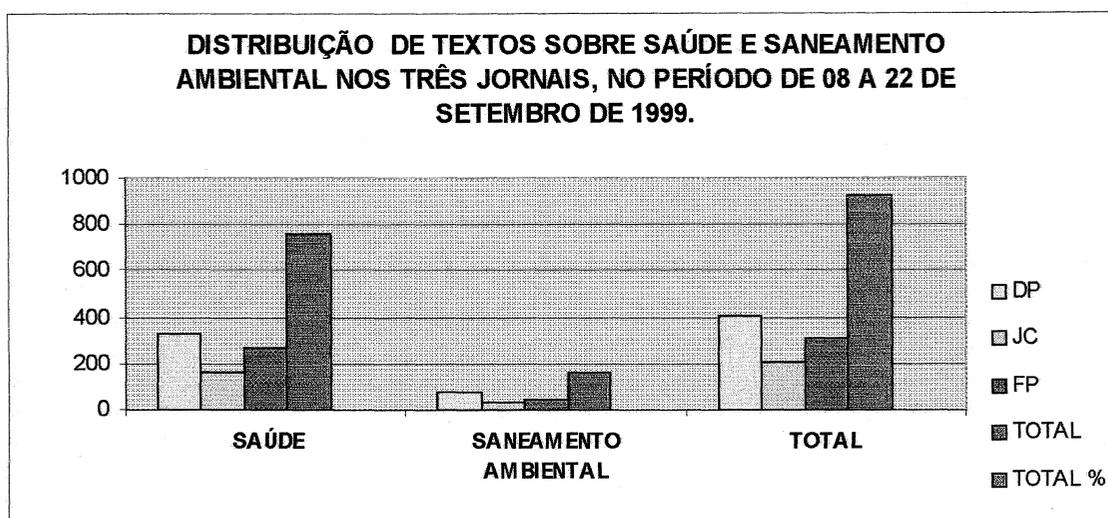


TABELA 01

NÚMERO TOTAL DE TEXTOS SOBRE SAÚDE E SANEAMENTO AMBIENTAL NOS JORNAIS DIÁRIO DE PERNAMBUCO, JORNAL DO COMMERCIO E FOLHA DE PERNAMBUCO NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO DE 1999.

NÚMEROS DE TEXTOS	JORNAIS			
	DP	JC	FP	TOTAL
SAÚDE	327	167	267	761
SANEAMENTO AMBIENTAL	80	36	47	163
TOTAL	407	203	314	924

5.2. Temas

5.2.1 Saúde

De uma forma geral, entre os textos referentes à saúde, as causas externas: agressões, acidentes e mortes (indicadores da "epidemia" de violência), foram as mais frequentes, representando em cada jornal de um quarto à metade do material selecionado: 26,3% no Jornal do Comércio, 48,7% na Folha de Pernambuco e 24,5% no Diário de Pernambuco. A partir daí os jornais passam a apresentar quadros diferenciados.

A Folha e o JC coincidem quanto ao segundo tema com maior número de

citações: eventos promovidos por entidades e instituições da área de saúde (seminários, congressos, feiras) e promoções pessoais (notas de colunas sociais): 15,6% no JC e 8,2% na Folha.

Já o DP, onde o tema "eventos" fica em quarto lugar (7,6%), o segundo mais citado são doenças: 10,1%, sendo 2,8% relativos às doenças do aparelho circulatório, 0,9% AIDS e as demais diluídas em problemas diversos.

Quando reunimos num só grupo os temas sobre doenças e os que tratam da saúde da mulher e reprodução, saúde mental e mortalidade infantil, eles passam a representar o segundo lugar em citações em todos os três jornais: 18% no JC, 17,2% no DP e 8,6% na Folha.

Na Folha de Pernambuco, as doenças (sem incluir saúde mental, feminina e mortalidade infantil) equivalem a 7,1% do número de inserções sobre saúde, sendo mais da metade desse percentual sobre doenças infecciosas e parasitárias (DIP), que representam 4,5% do total de notícias analisadas. As doenças circulatórias e AIDS correspondem na Folha de Pernambuco 1,5% do total.

Os textos enfocando doenças (excluindo saúde da mulher, saúde mental e mortalidade infantil) correspondem no Jornal do Commercio a 8,4% do material selecionado sobre saúde, sendo 2,4% relativos à AIDS, 1,8% a doenças do aparelho circulatório e as demais distribuídas em variados temas. De saúde da mulher o Commercio publicou o equivalente a 4,8 % dos textos.

Na escala de ordem decrescente de todos os jornais, cujo o somatório por tema em causas externas é de 33,4%, as doenças 10,3% e eventos 9,6%, o Sistema Único de Saúde (serviços e financiamento) aparece em seguida com 9,2%. No Jornal do Commercio o tema SUS, corresponde a 12,6%, 6,7% na Folha e 9,5% no DP. Ainda na Folha, o tema filantropia com 6,0%, isto é, matérias que falam de instituições ou campanhas de caráter filantrópico, como a campanha de doação por ligação telefônica (Teleton), da AACD (Associação de Amigos da Criança Defeituosa), que mantém um centro de recuperação no Recife, com serviços de fisioterapia e terapia ocupacional.

Na seqüência, o DP publicou notícias sobre medicamentos - lançamentos e eficácia-, correspondendo a 5,8%, e medicina privada (serviços oferecidos por clínicas e laboratórios particulares), com 4,0%. No JC o tema medicamentos foi

equivalente a 4,2%. A medicina privada, no Comercio, foi correspondente a 3,0%. Na Folha, os remédios estiveram presentes em 2,2% das citações e a medicina privada em 1,9%. As campanhas de vacinação representaram 3,1% no Diario, 3,6% no JC e 1,9% na Folha. Os tratamentos alternativos: 3,4% no DP, 1,9% na Folha, porém não foram citados no JC. A tecnologia e os avanços da medicina (novos tratamentos e cirurgias) responderam por 3,7% das notícias do DP, 2,4% no JC e 1,9% na Folha. **(Ver gráfico e tabela 02).**

GRÁFICO 02

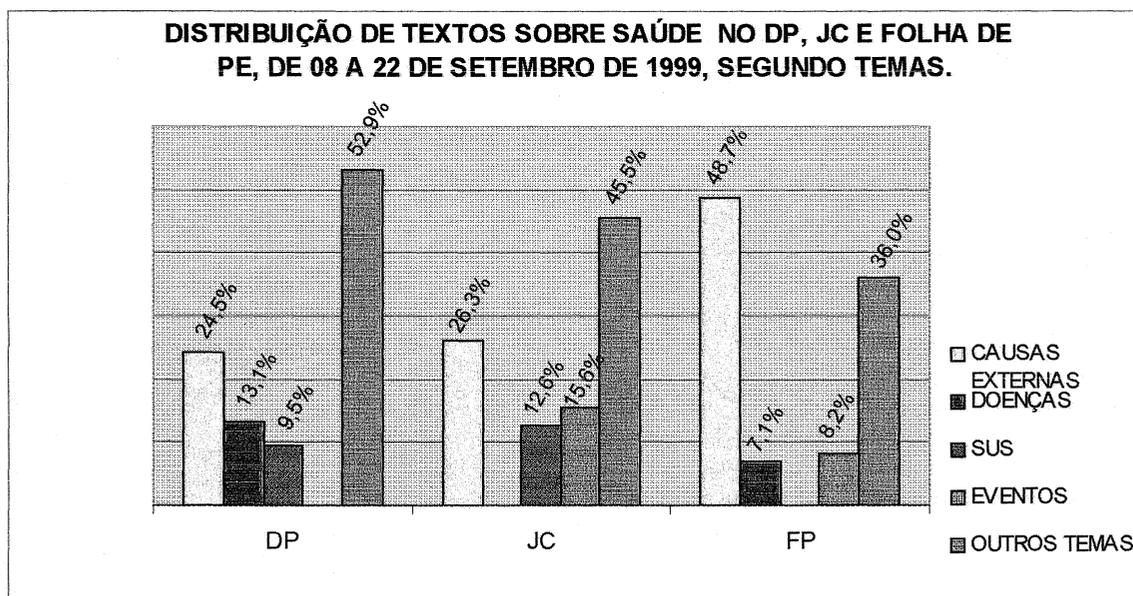


TABELA 02

**DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS SOBRE SAÚDE NOS JORNAIS DIARIO DE PERNAMBUCO,
JORNAL DO COMMERCIO E FOLHA DE PERNAMBUCO NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO
DE 1999, SEGUNDO O TEMA.**

TEMA DE SAÚDE	JORNALIS							
	DP		JC		FP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ALIMENTOS	5	1,5	2	1,2	4	1,5	11	1,4
CAMPANHA DE VACINAÇÃO	10	3,1	6	3,6	5	1,9	21	2,8
CAUSAS EXTERNAS	80	24,5	44	26,3	130	48,7	254	33,4
<u>DOENÇAS</u>								
AIDS	3	0,9	4	2,4	3	1,1	10	1,3
DIP	2	0,6	0	0	12	4,5	14	1,8
CARDIOVASCULARES	9	2,8	3	1,8	4	1,5	16	2,1
OUTRAS	19	5,8	7	4,2	0	0	26	3,4
DROGAS	12	3,7	2	1,2	5	1,9	19	2,5
ERRO MÉDICO	1	0,3	0	0	3	1,1	4	0,5
ESTÉTICA	10	3,1	3	1,8	2	0,7	15	2,0
EVENTOS	25	7,6	26	15,6	22	8,2	73	9,6
FILANTROPIA	9	2,8	5	3,0	16	6,0	30	3,9
MEDICAMENTOS	19	5,8	7	4,2	6	2,2	32	4,2
MEDICINA ALTERNATIVA	11	3,4	0	0	5	1,9	16	2,1
MEDICINA PRIVADA	13	4,0	5	3,0	5	1,9	23	3,0
MORTALIDADE INFANTIL	10	3,1	3	1,8	0	0	13	1,7
PREVENÇÃO	7	2,1	0	0	3	1,1	10	1,3
SAÚDE DA MULHER	5	1,5	8	4,8	4	1,5	17	2,2
SAÚDE MENTAL	7	2,1	5	3,0	0	0	12	1,6
SEGURO SAÚDE	6	1,8	1	0,6	1	0,4	8	1,1
SUS	31	9,5	21	12,6	18	6,7	70	9,2
TECNOLOGIA	12	3,7	4	2,4	5	1,9	21	2,8
TRANSPLANTE	2	0,6	4	2,4	0	0	6	0,8
VIGILÂNCIA SANITÁRIA	0	0	4	2,4	0	0	4	0,5
OUTROS TEMAS	19	5,8	3	1,8	14	5,2	36	4,7
TOTAL	327	100,0	167	100,0	267	100,0	761	100,0

5.2.2. Saneamento ambiental

Os problemas de abastecimento d'água e esgoto (principalmente água) foram tema da maioria dos textos veiculados de 08 a 22 de setembro de 1999, nos três jornais. No JC, representou 33,3%, seguido por temas como queimadas (16,7%), financiamento do setor de saneamento básico e seca (cada um com 13,9%), e, em quarto lugar lixo (8,3%). Na Folha de Pernambuco o abastecimento d'água e os problemas de esgoto corresponderam a 51,1% das citações, acompanhados por seca (34,0%). No Diário, abastecimento d'água e esgoto ficou com 41,3%, seguidos das matérias sobre seca (23,8%) e eventos (11,3%). **(Ver gráfico e tabela 03).**

GRÁFICO 03

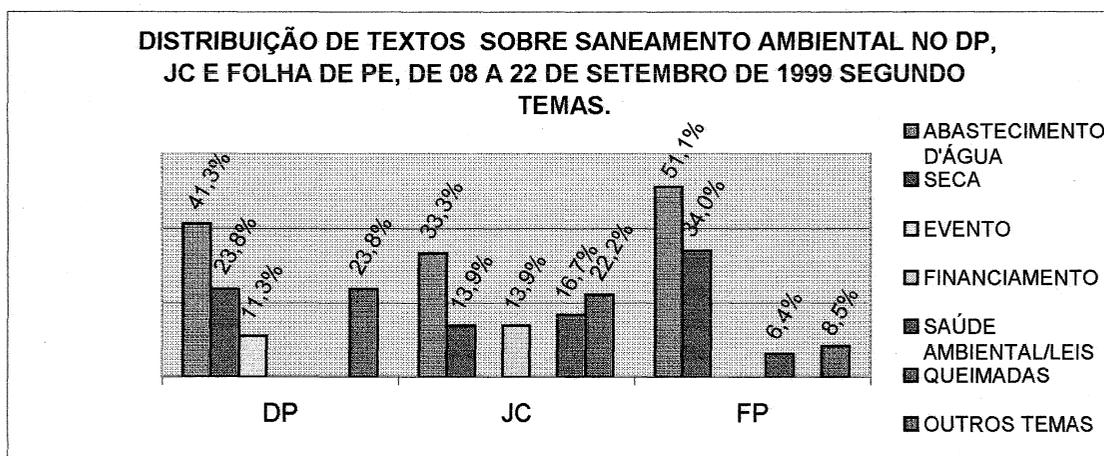


TABELA 03

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS SOBRE SANEAMENTO AMBIENTAL NOS JORNAIS DIARIO DE PERNAMBUCO, JORNAL DO COMMERCIO E FOLHA DE PERNAMBUCO NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO DE 1999, SEGUNDO O TEMA.

TEMA DE SANEAMENTO AMBIENTAL	JORNAIS							
	DP		JC		FP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ABASTECIMENTO D'ÁGUA								
ESGOTO	33	41,3	12	33,3	24	51,1	69	42,3
AGROTÓXICO	4	5,0	0	0	0	0	4	2,5
EDUCAÇÃO AMBIENTAL	5	6,3	1	2,8	1	2,1	7	4,3
EROSÃO	0	0	0	0	1	2,1	1	0,6
EVENTO	9	11,3	0	0	0	0	9	5,5
FINANCIAMENTO	1	1,3	5	13,9	0	0	6	3,7
LIXO	2	2,6	3	8,3	1	2,1	6	3,7
POLUIÇÃO	1	1,3	2	5,6	1	2,1	4	2,5
REFLORESTAMENTO	1	1,3	0	0	0	0	1	0,6
QUEIMADAS	0	0	6	16,7	0	0	6	3,7
SAÚDE AMBIENTAL/LEIS	5	6,3	2	5,6	3	6,4	10	6,1
SECA	19	23,8	5	13,9	16	34,0	40	24,5
TOTAL	80	100,0	36	100,0	47	100,0	163	100,0

5.3. Editorias

5.3.1 Saúde

Quanto à distribuição dos textos sobre saúde, observou-se uma concentração nos cadernos que divulgam os fatos do cotidiano local: Vida Urbana, no Diario de Pernambuco com 169 (correspondendo a 51,7% das notícias sobre saúde), Cidades no JC, com 57 (correspondendo a 34,1% dos publicados pelo veículo), e, na Folha, **Polícia** (que divulga mortes e agressões) com 71 textos correspondendo a 26,6% e **Grande Recife** com 53 equivalendo a 19,9%. No Diario, a inserção maior se deu nas quartas-feiras, dia em que Vida Urbana circula com duas páginas especificamente sobre saúde, geralmente com três a quatro matérias, notas rápidas sobre acontecimentos e seções onde médicos respondem as dúvidas

de leitores. No período analisado, somente em duas edições de Saúde/Vida Urbana, foram quantificadas 49 inserções, eqüivalendo a 15,0% do total de textos relativos à saúde veiculados nos 15 dias pelo Diário de Pernambuco.

Depois dos cadernos que tratam da vida da cidade, os que mais divulgaram assuntos referentes à Saúde no JC foram: a editoria Brasil que ofereceu 21 (12,6%) do publicado sobre o tema, a página de opinião 18 (10,8%), e o caderno "Família", um semanal domingueiro, 16 (9,6%). A primeira página do jornal apresentou o tema 12 vezes (7,2%) e a coluna social 10 (6,0%).

Na Folha de Pernambuco, depois de Polícia e Grande Recife, os textos relacionados à saúde apareceram com maior freqüência na Primeira página (15,4%), Geral (9,4%) e Brasil.(7,1%). No DP, a Coluna de João Alberto, com 10,1%, Economia com 8,6%, e a Primeira página com 6,1%. **(Ver gráficos e tabelas 04, 05 e 06).**

5.3.2 Saneamento Ambiental

No JC as notícias sobre saneamento ambiental estiveram distribuídas em nove editorias diferentes, com predominância em Economia (25,0%), apontando uma análise mais econômica para o tema. A primeira página foi a segunda que mais citou notícias dessa classe, seguida por Cidades, Brasil e Ciência e Meio Ambiente.

Na Folha de Pernambuco as editorias de Política (25,5%), Economia e Grande Recife, seguidos de Primeira página e por último Cidadania foram as que mais citaram os assuntos relacionados à questão ambiental.

No Diário a editoria que mais publicou textos de saúde ambiental foi Vida Urbana (48,8%), seguida de Economia, Primeira página e outras editorias. **(Ver gráficos e tabelas 04,05 e 06).**

GRÁFICO 04

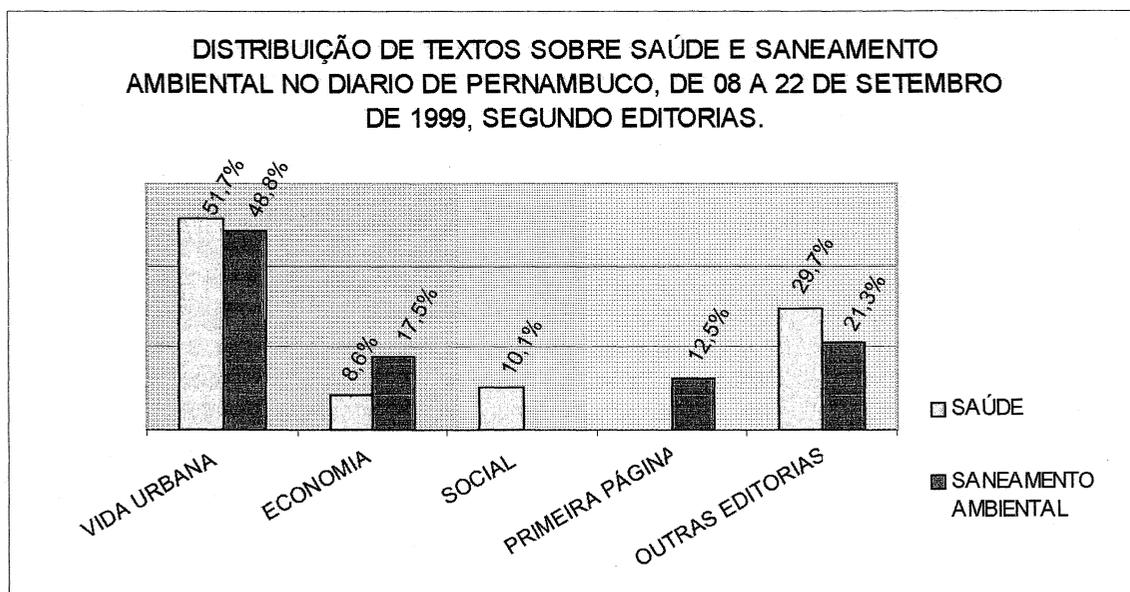


TABELA 04

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS NO JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE SAÚDE E SANEAMENTO AMBIENTAL, NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO DE 1999, SEGUNDO AS EDITORIAS.

EDITORIA DE SAÚDE E SANEAMENTO AMBIENTAL	DIÁRIO DE PERNAMBUCO			
	SAÚDE		SANEAMENTO AMBIENTAL	
	Nº	%	Nº	%
BRASIL	11	3,4	1	1,3
CAPA - PRIMEIRA PÁGINA	20	6,1	10	12,5
ECONOMIA	28	8,6	14	17,5
EDITORIAL/CARTAS	11	3,4	3	3,8
EDITORIAL/FRASES DO DIA	7	2,1	1	1,3
POLÍTICA	8	2,4	3	3,8
ÚLTIMAS	8	2,4	0	0
VIDA URBANA	120	36,7	39	48,8
VIDA URBANA/SAÚDE	49	15,0	0	0
VIVER	12	3,7	1	1,3
COL. DE JOÃO ALBERTO/SOCIAL	33	10,1	1	1,3
OUTRAS EDITORIAS	20	6,1	7	8,8
TOTAL	327	100,0	80	100,0

GRÁFICO 05

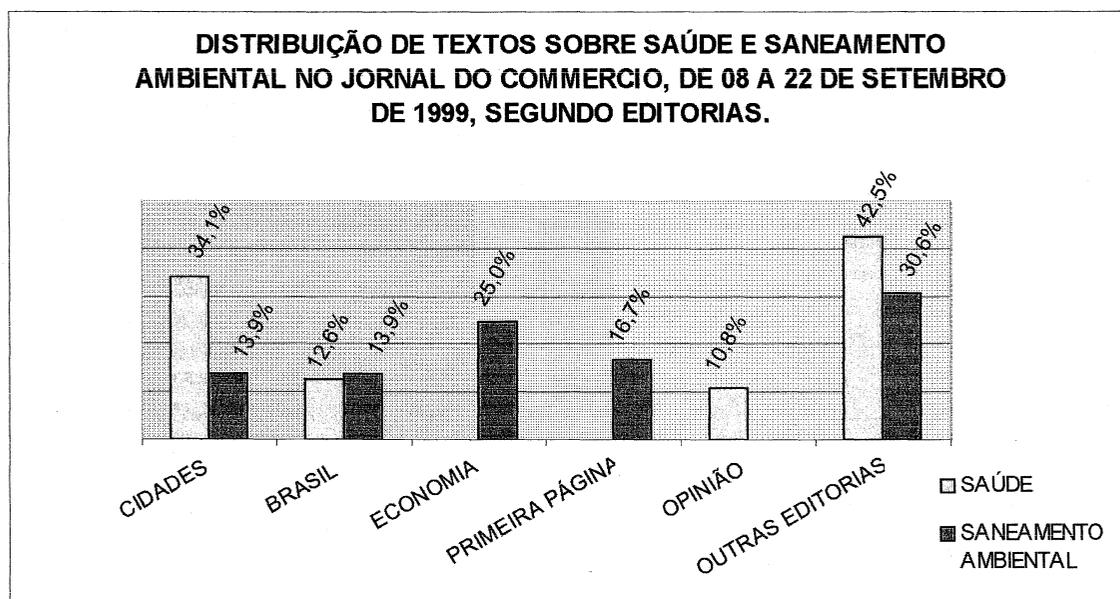


TABELA 05

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS NO JORNAL DO COMMERCIO SOBRE SAÚDE E SANEAMENTO AMBIENTAL, NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO DE 1999, SEGUNDO AS EDITORIAS.

EDITORIA DE SAÚDE E SANEAMENTO AMBIENTAL	JORNAL DO COMMERCIO			
	SAÚDE		SANEAMENTO AMBIENTAL	
	Nº	%	Nº	%
BRASIL	21	12,6	5	13,9
CAPA - PRIMEIRA PÁGINA	12	7,2	6	16,7
CIDADES	57	34,1	5	13,9
CIÊNCIA E MEIO AMBIENTE	2	1,2	4	11,1
ECONOMIA	3	1,8	9	25,0
FAMÍLIA	16	9,6	0	0
OPINIÃO	18	10,8	2	5,6
REGIONAL	5	3,0	2	5,6
SEGUNDA CAPA	10	6,0	1	2,8
SOCIAL	10	6,0	2	5,6
OUTRAS EDITORIAS	13	7,8	0	0
TOTAL	167	100,0	36	100,0

GRÁFICO 06

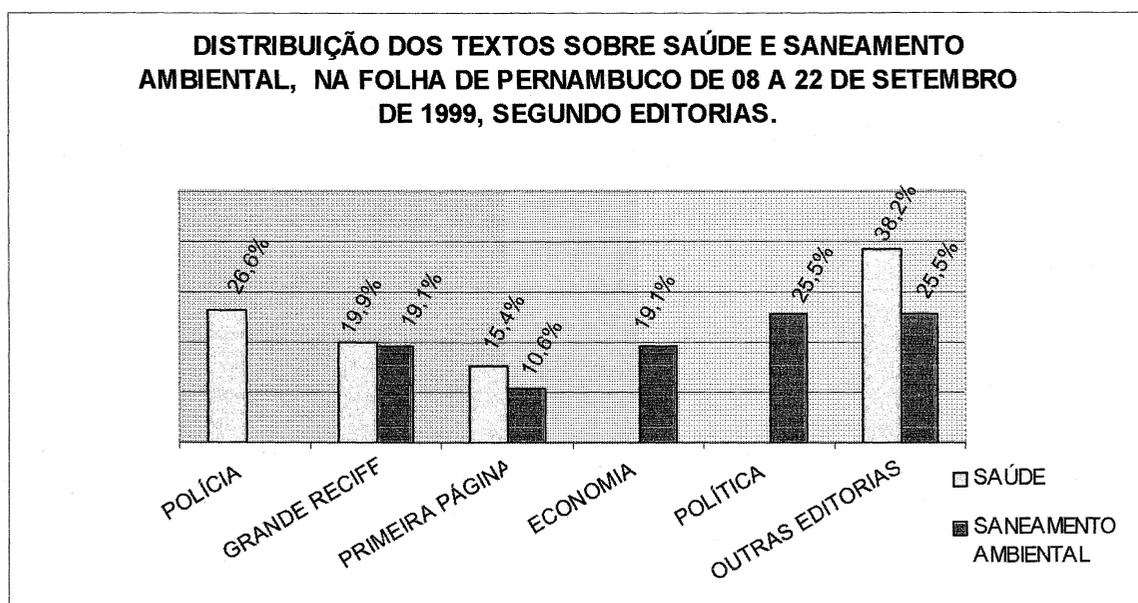


TABELA 06

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS NO JORNAL FOLHA DE PERNAMBUCO SOBRE SAÚDE E SANEAMENTO AMBIENTAL, NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO DE 1999, SEGUNDO AS EDITORIAS.

EDITORIA DE SAÚDE E SANEAMENTO AMBIENTAL	FOLHA DE PERNAMBUCO			
	SAÚDE		SANEAMENTO AMBIENTAL	
	Nº	%	Nº	%
BRASIL	19	7,1	1	2,1
CAPA - PRIMEIRA PÁGINA	41	15,4	5	10,6
CIDADANIA	9	3,4	4	8,5
ECONOMIA	9	3,4	9	19,1
ESPORTES	1	0,4	0	0
FOCO	18	6,7	2	4,3
GERAL	25	9,4	0	0
GRANDE RECIFE	53	19,9	9	19,1
INFORMÁTICA	2	0,7	1	2,1
INTERIOR	2	0,7	1	2,1
NORDESTE	0	0	3	6,4
POLÍCIA	71	26,6	0	0
POLÍTICA	11	4,1	12	25,5
PROGRAMA	6	2,2	0	0
TOTAL	267	100,0	47	100,0

5.4. Forma de Apresentação e Tratamento

5.4.1 Saúde

O Jornal do Commercio apresentou os textos de saúde de sete formas diferentes. Oitenta e sete (52,1%) foram matérias, sendo que 41 apareceram com fotos ou ilustrações e 22 foram manchetes de página. Outras 69 como chamadas e notas (em página e espaços de colunistas). Houve cinco artigos, três cartas de leitores e quantidade igual de foto-legenda.

Na Folha, os textos sobre saúde foram apresentados de oito formas. Cento e trinta e sete (51,3%) foram tratados como matérias, das quais 98 apresentaram fotos ou ilustrações e 21 foram manchetes de página. Cento e nove chamadas e notas (em página e espaços de colunistas). Houve quatro artigos, quatro cartas de leitores, 12 fotos-legenda e uma charge.

O Diário apresentou os textos de saúde humana de onze formas diferentes. Cento e quarenta e cinco (44,3%) foram tratadas como matérias, sendo que 116 apareceram com fotos ou ilustrações e 55 foram manchetes de página. Cento e quarenta e nove chamadas e notas (em página e espaços de colunistas). Houve sete artigos, dez cartas de leitores quatro fotos-legenda, três editoriais, sete frases do dia, uma charge e uma entrevista ping-pong.

Na Folha, as notícias sobre saúde (casos de assassinatos) ocuparam a manchete do jornal quatro vezes no período e foram manchete de página interna em onze momentos. Os textos sobre assassinatos vêm freqüentemente acompanhados por fotos que ocupam três das quatro colunas destinadas à reportagem inteira. Os artigos, cartas e comentários representaram menos de 5,0% das matérias sobre Saúde.

Nos três jornais os textos informativos prevaleceram, representando 89,0% no Diário de Pernambuco, 94,1% no Jornal do Commercio e 92,1% na Folha de Pernambuco. **(Ver gráfico e tabela 07).**

GRÁFICO 07

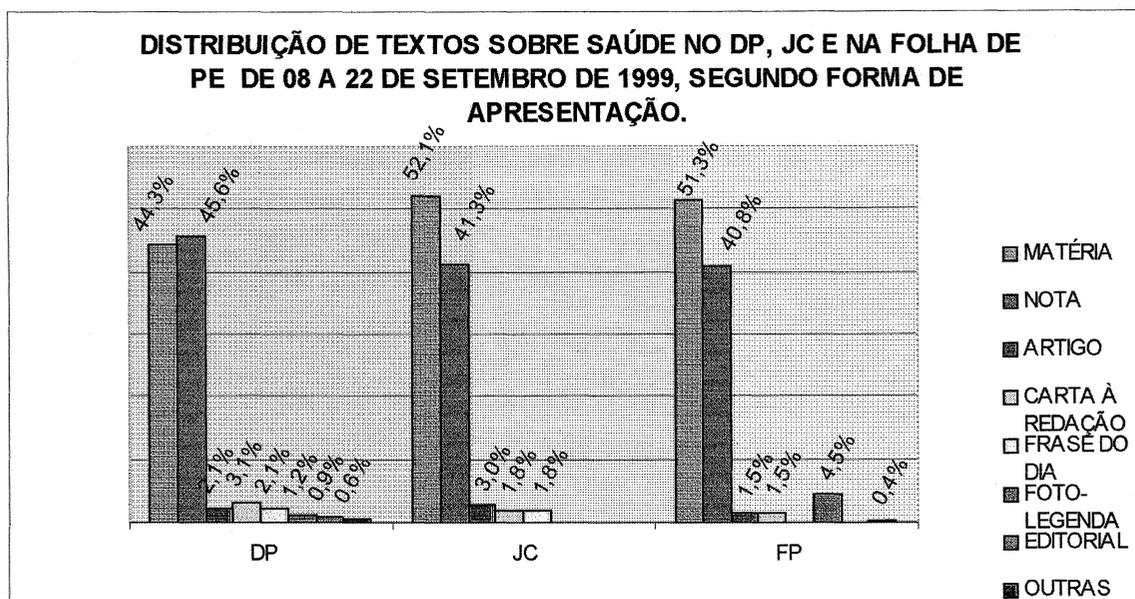


TABELA 07

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS SOBRE SAÚDE NOS JORNAIS DIÁRIO DE PERNAMBUCO, JORNAL DO COMMERCIO E FOLHA DE PERNAMBUCO, NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO DE 1999, SEGUNDO A FORMA DE APRESENTAÇÃO.

FORMA DE APRESENTAÇÃO DE SAÚDE	JORNAIS					
	DP		JC		FP	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ARTIGO	7	2,1	5	3,0	4	1,5
CARTA À REDAÇÃO	10	3,1	3	1,8	4	1,5
CHARGE	1	0,3	0	0	1	0,4
EDITORIAL	3	0,9	0	0	0	0
ENTREVISTA PING-PONG	1	0,3	0	0	0	0
FOTO-LEGENDA	4	1,2	3	1,8	12	4,5
FRASES DO DIA	7	2,1	0	0	0	0
MATÉRIA	145	44,3	87	52,1	137	51,3
NOTA	149	45,6	69	41,3	109	40,8
TOTAL	327	100,0	167	100,0	267	100,0

5.4.2 Saneamento Ambiental

No Commercio, os assuntos foram manchete do jornal seis vezes em 15

dias e manchete de página interna em quatro ocasiões. A maioria dos textos foi apresentada em formato de matéria (24), sendo 18 com fotos ou ilustrações. Foram dez notas. Apenas cinco textos foram de natureza opinativa.

A forma de apresentação mais freqüente na Folha foi a matéria (24), sendo 21 com fotos ou ilustração, 11 manchetes de página e 16 notas. O texto de natureza opinativa foi menos comum ainda.

No Diario de Pernambuco os textos em formato de matérias foram 36 sendo 30 com foto ou ilustrações. Foram 16 manchetes de página, 37 notas e 72 textos informativos. **(Ver gráfico e tabela 08).**

GRÁFICO 08

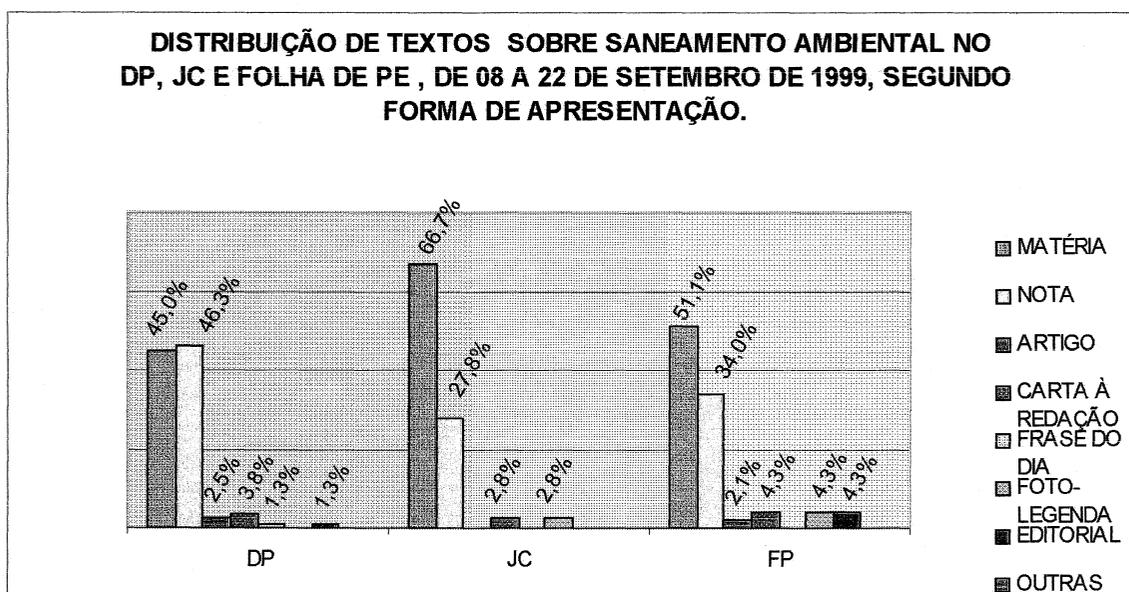


TABELA 08

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS SOBRE SANEAMENTO AMBIENTAL NOS JORNAIS DIARIO DE PERNAMBUCO, JORNAL DO COMMERCIO E FOLHA DE PERNAMBUCO, NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO DE 1999, SEGUNDO AS FORMAS DE APRESENTAÇÃO.

FORMA DE APRESENTAÇÃO DE SANEAMENTO AMBIENTAL	JORNAIS					
	DP		JC		FP	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ARTIGO	2	2,5	0	0	1	2,1
CARTA À REDAÇÃO	3	3,8	1	2,8	2	4,3
EDITORIAL	1	1,3	0	0	2	4,3
FOTO-LEGENDA	0	0	1	2,8	2	4,3
FRASES DO DIA	1	1,3	0	0	0	0
MATÉRIA	36	45,0	24	66,7	24	51,1
NOTA	37	46,3	10	27,8	16	34,0
TOTAL	80	100,0	36	100,0	47	100,0

5.5. Fontes

5.5.1 Saúde

As fontes oficiais (polícia e governo) foram citadas em grande parte dos textos sobre Saúde. No JC, dos fatos noticiados, 35 casos foram divulgados pela polícia, coincidindo com a frequência das informações sobre morte por causas externas. Numa ordem decrescente de geradores de informação apareceram as instituições privadas (15,9%), entidade médica (14,1%) e a comunidade (13,5%).

Na Folha, as oficiais (principalmente a polícia) foram a fonte mais presente nos textos de Saúde (40,1%), seguidas pelas fontes não citadas (19,7%). Nesse segundo caso, a informação pode ser do próprio jornalista ou de fontes que ele mantém em sigilo (em off). As comunidades respondem por 19,0%, as instituições privadas por 10,4%, os especialistas 2,6% e as instituições de ensino e pesquisa 1,9%.

No Diario, a principal fonte de informação foi o governo (26,8%), seguido de fontes não citadas (24,4%), os especialistas (16,8%) e a comunidade (16,2%). As instituições privadas responderam por 10,6% dos textos, enquanto as instituições de

ensino e pesquisa tiveram uma participação de apenas 1,5%. (Ver gráfico e tabela 09).

GRÁFICO 09

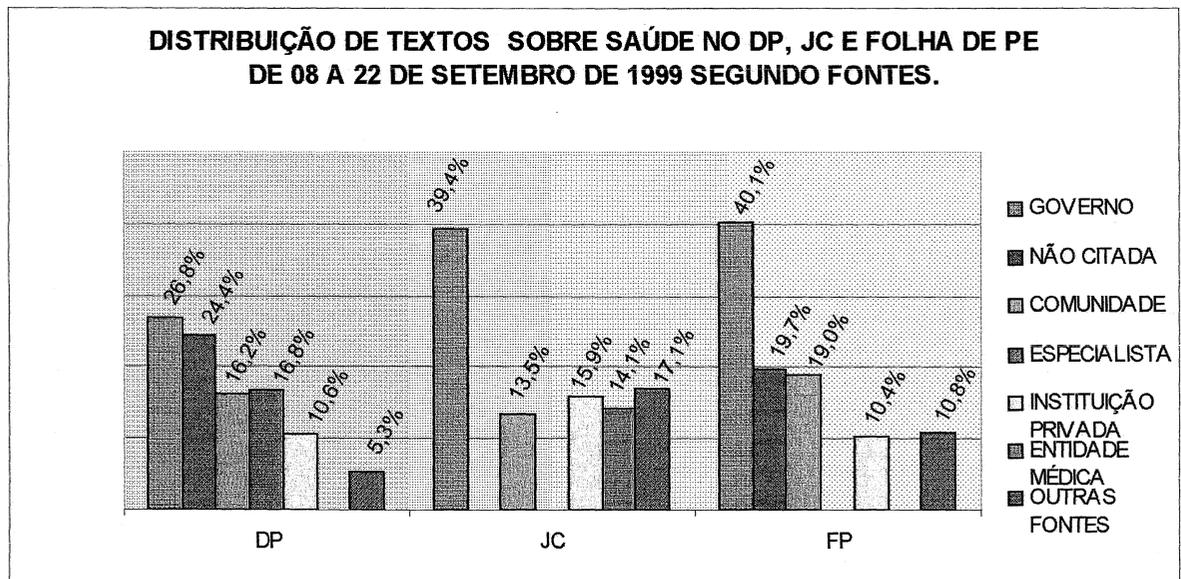


TABELA 09

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS NOS JORNAIS DIARIO DE PERNAMBUCO, JORNAL DO COMMERCIO E FOLHA DE PERNAMBUCO SOBRE SAÚDE, NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO DE 1999, SEGUNDO AS FONTES.

FONTES DE SAÚDE	JORNAIS					
	DP		JC		FP	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
COMUNIDADE/ONG/SINDICATOS	55	16,2	23	13,5	51	19,0
ENTIDADE MÉDICA	3	0,9	24	14,1	6	2,2
ESPECIALISTA	57	16,8	7	4,1	7	2,6
GOVERNO	91	26,8	67	39,4	108	40,1
IEP	5	1,5	7	4,1	5	1,9
INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA	1	0,3	0	0	7	2,6
INSTITUIÇÃO PRIVADA	36	10,6	27	15,9	28	10,4
JUDICIÁRIO	0	0	4	2,4	1	0,4
LEGISLATIVO	3	0,9	3	1,8	1	0,4
NÃO CITADA	83	24,4	2	1,2	53	19,7
ORGANISMO INTERNACIONAL	1	0,3	2	1,2	2	0,7
OUTRAS FONTES	5	1,5	4	2,4	0	0
TOTAL	340	100,0	170	100,0	269	100,0

5.5.2 Saneamento Ambiental

Das fontes citadas pelo JC nos textos de saneamento ambiental, o governo foi quem mais contribuiu.(59,0%). Em segundo lugar apareceram a comunidade.(28,2%). Na Folha, as fontes não citadas correspondem a 38,3%, o governo 27,7% e a comunidade 23,4% .

Já no Diário a principal fonte foi o governo (34,6%), seguida das não citadas (29,6%) e a comunidade.(24,7%). (Ver gráfico e tabela 10).

GRÁFICO 10

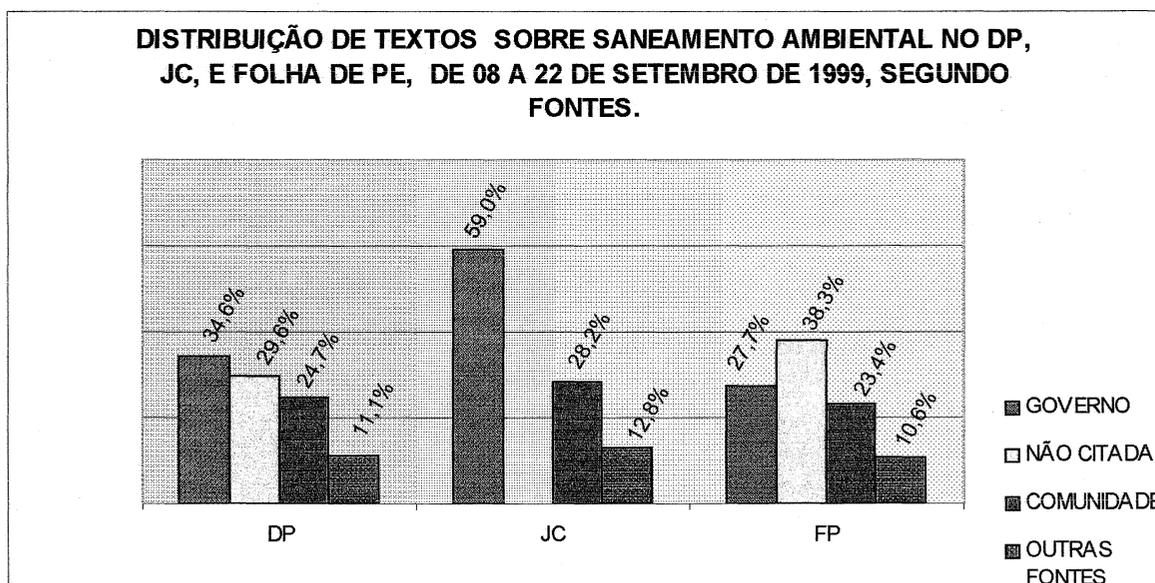


TABELA 10

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS NOS JORNAIS DIARIO DE PERNAMBUCO, JORNAL DO COMMERIO E FOLHA DE PERNAMBUCO SOBRE SANEAMENTO AMBIENTAL, NO PERÍODO DE 08 A 22 DE SETEMBRO DE 1999, SEGUNDO AS FONTES.

FONTES DE SANEAMENTO AMBIENTAL	JORNAIS					
	DP		JC		FP	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
COMUNIDADE/ONG/SINDICATOS	20	24,7	11	28,2	11	23,4
ESPECIALISTA	1	1,2	0	0	0	0
GOVERNO	28	34,6	23	59,0	13	27,7
IEP	1	1,2	0	0	0	0
INSTITUIÇÃO PRIVADA	3	3,7	2	5,1	0	0
JUDICIÁRIO	0	0	1	2,6	0	0
LEGISLATIVO	2	2,5	2	5,1	2	4,3
NÃO CITADA	24	29,6	0	0	18	38,3
ORGANISMO INTERNACIONAL	2	2,5	0	0	1	2,1
OUTRAS FONTES	0	0	0	0	2	4,3
TOTAL	81	100,0	39	100,0	47	100,0



6 - DISCUSSÃO

A inserção de textos relacionados à saúde e ao saneamento ambiental é diferente nos três jornais, seja pelo número de matérias, preferência por determinados temas e forma de apresentação. Entretanto, foram detectadas muitas semelhanças na forma global de abordagem, cujos detalhes explicamos a seguir. Chama a atenção a excessiva quantidade de notas, grande parte possivelmente “plantadas” por assessorias, e a superficialidade das informações, quase sempre descontextualizadas.

No que se refere ao espaço, observa-se que apenas o Diário de Pernambuco mantém duas páginas semanais fixas para o tema Saúde. Já o Jornal do Commercio privilegia as questões ambientais na sua meia página diária de Ciência e Meio Ambiente, embora esta, no período analisado tenha divulgado mais fatos relativos à pesquisa científica que propriamente à degradação e preservação da natureza.⁴

De uma maneira geral, os textos relacionados aos dois assuntos (saúde e saneamento ambiental) apresentaram-se, no período estudado, de forma pulverizada em diferentes editorias nos três jornais. Da página de Opinião, à Economia e até seções de cultura e colunas sociais, com a maior concentração nas editorias que tratam do cotidiano, como o Vida Urbana (Diário), Cidades (Jornal do Commercio) e Grande Recife (Folha).

As notas, no pé de página, dentro de colunas de opinião ou como chamadas, foram freqüentes na apresentação dessas notícias. Mas se sucederam vários modelos: matéria simples, sem foto nem outra ilustração, reportagens com vários textos e imagens, com direito a chamadas na primeira página do jornal e manchete da editoria, artigos, editoriais (opinião da direção do jornal) e cartas de leitores.

Foram quantificados 924 textos no total, sendo 39,9% em forma de matéria jornalística e 35,4% como notas e chamadas. Uma parte significativa desse material

⁴ A página semanal de "Saúde", publicada às terças-feiras pelo Caderno Cidades do JC, a qual o chefe de reportagem Laurindo Ferreira se referiu no capítulo 4 deste trabalho, só começou a ser veiculada em novembro, cerca de dois meses após a coleta do material para análise.

foi dedicada à notícia de mortes violentas, assassinatos em sua maioria. No Jornal do Commercio e no Diário de Pernambuco esse tipo de informação correspondeu a cerca de um quarto de todos os textos relativos à saúde e, na Folha de Pernambuco, a aproximadamente 45%.

Entretanto, em sua quase totalidade, foram divulgadas apenas como meros fatos policiais, sem receber a conotação devida de problema de saúde pública. O atentado ao irmão de uma vereadora, manchete interna nos três jornais no dia 10 de setembro, com chamada na primeira página, tentava atrair o leitor mais pela curiosidade de que pelo nível extremo da violência. A primeira página do Jornal do Commercio anunciou: **“Fôlego de gato”**. Na Folha de Pernambuco foi assim: **“Irmão de vereadora leva bala e escapa”** e, dentro do caderno, na página de polícia, a matéria começava dizendo que **“Um milagre salvou a vida de Getúlio Souza Albuquerque...” (Ver anexos)**. O inusitado sempre atrai a atenção do leitor, desvalorizar esse fato na hora de compor a notícia é até erro grave no jornalismo.

Os textos sobre formas de adoecimento, aí incluídos aqueles sobre doenças, saúde mental, saúde feminina e mortalidade infantil, aparecem logo em seguida em número de frequência e confirmam uma das suposições que motivaram o presente estudo e que já foi constatada em outras pesquisas que avaliaram a mídia do Sudeste.⁵ Os temas e a frequência com que aparecem não correspondem ao perfil epidemiológico do Estado de Pernambuco, que no ano de 1999 assistiu ao aumento dos casos de cólera. As doenças cardiovasculares, as que mais matam a população, mereceram no período um total de 16 inserções, o equivalente a 1,73% dos 924 textos. No período analisado a Folha de Pernambuco deu preferência às doenças infecciosas e parasitárias, um fato positivo considerando que se trata de um veículo dirigido mais às classes populares e essas enfrentam a ocorrência de doenças infecciosas em decorrência das más condições sanitárias da região em que habitam. No DP o volume de textos sobre doenças é maior do que nos demais, mas há uma grande quantidade de matérias que parecem ser motivadas por dúvidas pessoais de leitores sobre problemas particulares, menos graves do ponto de vista coletivo. No Jornal do Commercio, as doenças crônicas estão distribuídas entre as editorias de

⁵ Detalhes da pesquisa estão citados nas próximas páginas.

Brasil, Cidades e Família. Nessa última o enfoque foi mais a saúde feminina e a estética.

Chama atenção o espaço dedicado à saúde feminina e reprodutiva (1,8% dos textos). Seria devido à atuação dos grupos de mulheres que pressionam as políticas e acabam ganhando maior espaço na mídia? Ou porque os jornais descobriram no sexo feminino um público cativo?

A crise do abastecimento d'água de Pernambuco, que vive o pior racionamento de sua história, foi o mais freqüente entre os temas dos textos sobre saneamento publicados pelos três jornais. Rendeu 69 inserções, cerca de 7,5% das 924. No entanto, grande parte dos textos foi tratada dentro de uma visão econômica. A justificativa estaria no processo de privatização da companhia que cuida de água e esgoto (COMPESA). No Jornal do Commercio, por exemplo, o tema correspondeu a 25% das matérias veiculadas sobre água e esgoto na editoria de economia. Além da privatização, projetos de transposição do Rio São Francisco e outros que implicam em contratação de grandes empreiteiras e negócios. Raramente o tema abastecimento apareceu na forma de matérias que enfocassem prejuízos à saúde, como o uso indevido de reservatórios. Ou seja, assim como as matérias sobre doença, que pouco condizem com o perfil epidemiológico, as que tratam de saneamento não fazem associação com a saúde.

A seca apareceu nas páginas principalmente em função do protesto organizado pelos prefeitos do interior. Explorou-se o fato político e as conseqüências econômicas, com perdas para as regiões. Uma ou outra matéria enfocou a saúde do sertanejo.

Chama a atenção ainda o espaço dedicado a eventos e promoções pessoais. No período estudado, os congressos, seminários, feiras, palestras e presenças de médicos nos acontecimentos sociais foram freqüentes nas colunas. Em função disso, a página de sociedade ocupou o sexto lugar no JC na divulgação de assuntos relacionados à saúde.

Outro ponto que merece um estudo à parte são as fontes geradoras de notícias. As instituições oficiais – polícia, secretarias e ministérios – seguidas das instituições privadas são as mais citadas nos textos relativos à saúde. A participação das organizações não-governamentais e da comunidade se deu em maior

quantidade nas matérias relativas a problemas ambientais.

A constatação reproduz, em parte, o que já havia sido encontrado na pesquisa realizada por Mônica Macedo⁶ e um grupo da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). As fontes oficiais (órgãos do governo, universidades e institutos de pesquisa) e especialistas foram predominantes na cobertura de saúde, representando 58% de incidência, apontando que o jornalismo costuma legitimar o saber dito competente, dando menor atenção ao conhecimento de fontes de informação menos prestigiadas como correntes da medicina alternativa e o público leigo. Neste levantamento, as fontes leigas foram observadas em 11% dos casos, o que não é pouco se comparado com as sociedades científicas e os hospitais. “As empresas privadas, ao contrário do que se esperava, não apareceram tanto como fonte de informação. Apenas em 2% dos casos. Não se pode deixar de mencionar, contudo, que os produtos e medicamentos dos grandes laboratórios são mencionados em grande parte das reportagens sobre doenças, com valorização de abordagens curativas”.

Naquele trabalho foram analisados durante uma semana, de 22 a 28 de setembro de 1996, sete jornais de abrangência nacional e regional: Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, O Globo, Folha da Tarde, Jornal da Tarde e Notícias Populares. Foram coletadas todas as matérias sobre saúde, para analisar as seguintes categorias: assuntos tratados nas matérias, fontes explícitas, procedência geográfica dos fatos (lugar de referência), gêneros jornalísticos e destaque da matéria no jornal. Também foram analisadas, para efeito de comparação, as versões on line de dois jornais: Jornal do Brasil e Estado de S. Paulo.

Outra pesquisa sobre notícias de saúde realizada por outro grupo da Umesp⁷, constatou que na Folha de São Paulo, jornal de maior circulação no país, prevalecem as agências de notícias e o setor privado como fontes de informação, enquanto no Diário Popular, as fontes oficiais são a maioria (35%) nas mensagens

⁶ Expositora. Mestranda da Universidade Metodista de São Paulo e pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em jornalismo, da Unicamp.

⁷ Aniger Duarte Menezes; Elizabeth Maurenza; Isaac Epstein; Jacob Daglhian; José de Sá; Mônica Macedo; Caprino & Nicolau Maranini.

de saúde, seguidas pelo setor privado (30%). Esse trabalho faz parte de um projeto da Organização Pan-americana de Saúde (OPS) e analisou todas as matérias de saúde veiculadas em diversos veículos de comunicação brasileiros de 18 de maio a 14 de junho de 1997 (Folha de São Paulo, Diário Popular, Revista Veja, TV Globo, Rádios CBN e JB FM)

A grande quantidade de textos publicada nos jornais de Pernambuco, geradas de fontes do governo e empresas privada, merece análise e reflexão mais profundas. O escritor e jornalista Sebastião Nery, ao participar, em 1998 como palestrante do Congresso Internacional de Jornalismo, realizado em Olinda : “A imprensa brasileira nasceu política, de oposição e perseguida. Hoje é comercial, governista e domesticada”. O autor cita que os grandes jornais tornaram-se boletins gráficos de grupos de comunicação com mais variados interesses. “Por isso não existe mais a velha linha editorial nos grandes jornais. Existe o marketing. É o marketing quem determina a linha do jornal, da manchete ao editorial, das campanhas aos fascículos distribuídos.[...] Nem as ditaduras de Vargas e dos militares conseguiram um controle sobre os jornais, rádios e televisões como tem hoje o Governo Fernando Henrique Cardoso. Está tudo na paz dos Departamentos Comerciais e de Publicidade. O Governo tem, este ano, 500 milhões de dólares para gastar em publicidade. A propaganda é o filé mignon das agências”.

Quanto à predominância de fontes de hospitais particulares e especialistas, Beatriz Dornelles (1996) diz que “o lobby médico é praticado nas redações de jornais de várias formas, mas fundamentalmente destaca-se por ser informal, aleatório, descoordenado e, arriscaria dizer, até ‘inconsciente’. Isto porque a classe médica é extremamente corporativista e segue normas rígidas transmitidas durante a educação médica, ainda no período de faculdade, onde aprendem que somente os ‘doutores’ podem opinar sobre saúde”. Ela fez um estudo sobre as forças que atuam nos bastidores da imprensa gaúcha, tendo como objeto o Caderno Vida, do Jornal Zero Hora, de março a abril de 1994.

A “domesticação” dos jornais e a falta de entrosamento entre Sanitaristas e Imprensa talvez expliquem a oferta de uma realidade ao leitor um pouco diferenciada do real quadro epidemiológico de Pernambuco. E embora os jornais assegurem a existência da preocupação com os interesses do leitor, é de se estranhar que as

cartas enviadas por estes leitores tenham representado tão pouco no período estudado considerando a crise de abastecimento de água e os problemas de saúde que muito motivam reclamações da opinião pública.

Embora as matérias sobre o SUS apareçam em terceiro lugar em quantidade, o financiamento da Saúde Pública foi citado poucas vezes, o que leva à suposição de que, para ganhar espaço na mídia, o assunto precisa ser provocado. Meses antes do período analisado, tornaram-se manchetes dos jornais de Pernambuco a denúncia de hospitais conveniados ao Sistema Único de Saúde e entidades médicas (elas mais uma vez) sobre o corte de até 20% nas Autorizações de Internação Hospitalar.

A descontextualização das notícias já é constatada em outros trabalhos. Na pesquisa realizada por Mônica Macedo e equipe sobre a cobertura de saúde nos quatro principais jornais do Brasil, foram identificados 11 temas e uma pouca colaboração dos jornais na discussão e prevenção dos reais problemas de saúde.

Quando se fala de soluções para os problemas de saúde, muitas vezes é para valorizar iniciativas assistencialistas, sem levar em conta ações estruturais.[...] As matérias do noticiário geral são curtas, têm poucas (muitas vezes só uma) fontes de informação e, quando se trata de divulgar estudos científicos, geralmente fazem referência a pesquisas internacionais, explorando pouco suas repercussões no contexto nacional, como é o caso das notícias 'Gene alterado é proteção contra a AIDS'.(MACEDO, In: Anais do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, p.108).

Resumindo tudo discutido até agora, não podemos afirmar que o número de inserções sobre temas relacionados à saúde e ao saneamento nos jornais de Pernambuco é pequeno. Isso requer um estudo mais profundo, que envolve a contagem das matérias por centímetro/coluna. Mas constatamos a pulverização das informações, seja pela distribuição em várias editoriais ou pela forma de apresentação dos textos (às vezes notas, outras matérias com e sem foto). Como também enfoques distantes da ótica sanitária, caso das matérias sobre violência (causas externas), que são tratadas como meros boletins policiais, dos textos sobre doenças que não refletem o perfil epidemiológico do Estado e das notícias sobre

saneamento que não fazem alusão à saúde. Tudo pode indicar a relação conflituosa entre imprensa e saúde pública, e a desinformação mútua já mencionada por vários autores e citada neste trabalho.

7 – CONCLUSÕES

Observando os objetivos a que se propôs o presente trabalho e os achados encontrados, concluímos que a medição exata do espaço ocupado pelos temas "Saúde" e "Saneamento Ambiental" requer contagem por centímetro/coluna, uma vez que o número de inserções por si só não dá a dimensão da cobertura jornalística.

A distribuição por editoriais, forma de apresentação e tratamento dos textos preenche parte da lacuna. Ao analisar a cobertura dos três jornais sob estes ângulos, constata-se que os temas ocupam diferentes espaços em variados cadernos. Entretanto, os resultados indicam uma pulverização de dados descontextualizados. Não há uma co-relação com perfis epidemiológico e ambiental da atualidade. Violência e questões do saneamento são tratados mais do ponto de vista policial e econômico, respectivamente, que dentro de um enfoque de saúde pública.

Há uma predominância de fontes oficiais (do Governo) e não citadas, como também de fatos gerados por entidades médicas, empresas privadas e profissionais com participação ativa em acontecimentos típicos das colunas sociais. Apesar da participação de fontes oficiais, não demonstrou significância a citação de especialistas nem a preocupação com assuntos de real interesse da saúde pública, sinalizando carência de uma relação mais estreita entre imprensa e sanitaristas ou equívocos nessa relação.

Este primeiro diagnóstico aponta para a necessidade de se aprofundar os estudos sobre a cobertura que os meios de comunicação de Pernambuco dão aos temas Saúde e Saneamento Ambiental. Através de estudos sistemáticos se chegará ao método e variáveis ideais para este tipo de análise, além, é claro, de se estabelecer um canal entre sanitaristas e comunicadores.

Os dois setores – Saúde Pública e Imprensa – carecem de aproximação. Os jornalistas precisam conhecer melhor a Saúde Pública e a Saúde Pública deve provocar mais esta Imprensa.

Aos comunicadores, cabe também refletir sobre o dito Quarto Poder da

Imprensa e sua relação com seus leitores. Vale a pena atender às necessidades individuais, como noticiar mais tratamentos contra a impotência sexual e cirurgia plástica, em vez de abraçar questões mais coletivas, como a defesa do Sistema Único de Saúde e o alerta sobre epidemias e suas causas políticas e sociais? Será que as notícias servem apenas para reforçar um modelo imposto por poderes interessados em sustentar o quadro firmado? Estaria a Saúde Pública e a Imprensa desconhecendo a condição de atores sociais e a necessidade de se unir forças para melhorar as condições de vida do país de forma igualitária? Padre Júlio Lancelotti, que tem um reconhecido trabalho social em São Paulo, ao participar no dia 18 de dezembro de 1999 do Programa Modernidade, da TV SENAC, dizia que "a morte do meu igual é a morte de mim mesmo". Chamava a atenção para a responsabilidade de cada um no processo de exclusão social. Ou tudo não passa mesmo de mera desinformação, pouco entrosamento dos dois setores?

A pesquisa precisa continuar, estimular outros estudos, abrir a discussão e propor saídas para que fatos se transformem em notícias e notícias gerem acontecimentos.

É necessário estabelecer um canal permanente de debate sobre a relação Imprensa - Saúde Pública, criando fóruns de discussão com sanitaristas, jornalistas, a sociedade civil representada por sindicatos, universidades, organizações não-governamentais, associações comunitárias, profissionais de saúde em geral, assessores de imprensa entre outros.

Estudos novos também são importantes para que sejam encontradas variáveis mais adequadas à análise das notícias sobre saúde e saneamento ambiental. O presente trabalho, associado às iniciativas que vêm sendo colocadas em prática com financiamento da Organização Pan-americana de Saúde (OPS) e a todos os projetos futuros, constitui-se em uma fundamental colaboração para um diagnóstico mais amplo e preciso da cobertura jornalística no Brasil.

Os resultados encontrados nessas pesquisas devem ultrapassar as instituições acadêmicas, chegar às redações dos jornais, TVs e rádios, ao Ministério da Saúde, Secretarias estaduais e municipais de saúde, como também à população, alvo das políticas e ações governamentais e das informações divulgadas pelos meios de comunicações.

8 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, J. D. **Polarização Epidemiológica no Brasil.** In: Informe Epidemiológico do SUS. FNS, CENEPI, ano I (2), Brasília, 1992.

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, história da imprensa brasileira.** Editora Ática. São Paulo, 1993.

BARRETO, M. L. ; Carmo, E. H. **Situação de Saúde da População Brasileira: tendências históricas, determinantes e implicações para as políticas de saúde.** In: Informe epidemiológico do SUS. FNS, CENEPI, ano III (3-4), Brasília, 1994.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação para a saúde: uma experiência brasileira.** Unimed/Amparo. São Paulo, 1996.

COMPESA. www.compesa.com.br, dez, 1999.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. Centro Gráfico do Senado Federal. Brasília, 1996.

COSTA, André Monteiro. **Políticas de saneamento ambiental: inovações na perspectiva do controle social/organizadores:** Orlando Alves dos Santos Jr., Hélio Ricardo Leite Porto, Ana Lúcia Britto - Rio de Janeiro; FASE, 1998.

DATASUS. Ministério da Saúde. www.datasus.gov.br, dez. 1999.

DORNELLES, Beatriz. Editora de Ciência no RS: **lobby e tráfico de influência.** In: Gomes, Isaltinas M. (org.) 19 Congresso da Intercom. Coletânea GT11 Comunicação e ciência. Londrina, 1996.

- DUCHIADE, Milena Piraccini. **População brasileira: retrato em movimento.** In: MINAYO, Maria Cecília et al. (Orgs). Os muitos brasis: saúde e população na década de oitenta. Hucitec - Abrasco. São Paulo - Rio de Janeiro, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário de língua portuguesa.** Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1993.
- FUNASA. Fundação Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico**, 1996: 1997.
- GOMES, Isaltina Maria de Mello. **Dos laboratórios aos jornais, um estudo sobre jornalismo científico.** Recife, 1995.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios.** Síntese de indicadores, 1996: 1997.
- INTERCOM. **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v.19, n.2, p.93 - 104, jul.dez.1996.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia e Linguagem Jornalística.** Editora Ática, 1985.
- LOPES, Boanerges; NASCIMENTO, Josias. **Saúde e Imprensa: o público que se dane.** Mauad, Rio de Janeiro, 1996.
- MACEDO, Mônica et al. **Divulgação da saúde na imprensa brasileira: expectativas e ações concretas.** In: Anais do 20º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Coletânea GT 11 Comunicação e Ciência. São Paulo, 1997.
- MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino americanos.** Vozes. Rio de Janeiro, 1998.

MENEZES, Aniger Duarte et al. **Cobertura de Saúde nos Meios de Comunicação**. In: 20º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Coletânea GT 11 Comunicação e Ciência. São Paulo, 1997.

NERY, Sebastião. **Jornal: do chumbo ao silício, o que mudou nesse grande hospício ?** In: Anais do 23º Congresso Mundial de Jornalistas, Recife - Olinda, 1998.

OLHAR SOBRE A MÍDIA. www.ccr.org.br, dez, 1999.

OPAS. Organização Pan-americana de Saúde www.opas.org.br, dez, 1999.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DO RECIFE. **Comportamento da Mortalidade por Causas Externas e Residentes no Recife**. Recife, 1997.

ANEXOS

ARNALDO CARVALHO/JC



Fôlego de gato

O motorista Getúlio Albuquerque (foto), 38 anos, escapou de um atentado em Camaragibe. Ele levou dez tiros e, mesmo ferido, ainda conseguiu acertar um dos agressores. ■ CIDADES 2

ATENTADO Mesmo ferido, o motorista conseguiu atingir um dos homens que tentou matá-lo

Irmão de vereadora é atingido por dez tiros em Camaragibe

O motorista Getúlio Souza de Albuquerque, 38 anos, irmão da vereadora de Camaragibe Marta Lapenda, sofreu um atentado, anteontem, quando dirigia um ônibus escolar, dentro da cidade. Ele foi atingido por cerca de dez tiros de pistola, a maioria deles disparados no tórax. Mesmo ferido, Getúlio conseguiu reagir e acertou um dos homens que tentaram matá-lo. Os parentes da vereadora acreditam que o crime tenha motivação política.

Getúlio afirmou ontem não ter vícios ou inimigos. Além de atuar na coordenação da campanha da irmã, ele trabalha como motorista de um ônibus que faz o transporte gratuito de estudantes de várias escolas em Camaragibe. Por volta das 21h30, Getúlio saiu da casa de Marta Lapenda, no bairro do Timbi, com destino à Vila da Fábrica para pegar os alunos, como faz diariamente.

No meio do caminho, apanhou a estudante Patrícia Moraes da Silva e seguiu viagem. Ao parar em um sinal fechado, dois homens em uma motocicleta esperavam pelo motorista. "Um deles desceu, e

passou a pé em frente ao ônibus olhando, como se estivesse fazendo o reconhecimento. Logo em seguida, ele sacou uma arma de uma sacola e começou a atirar", lembra Getúlio.

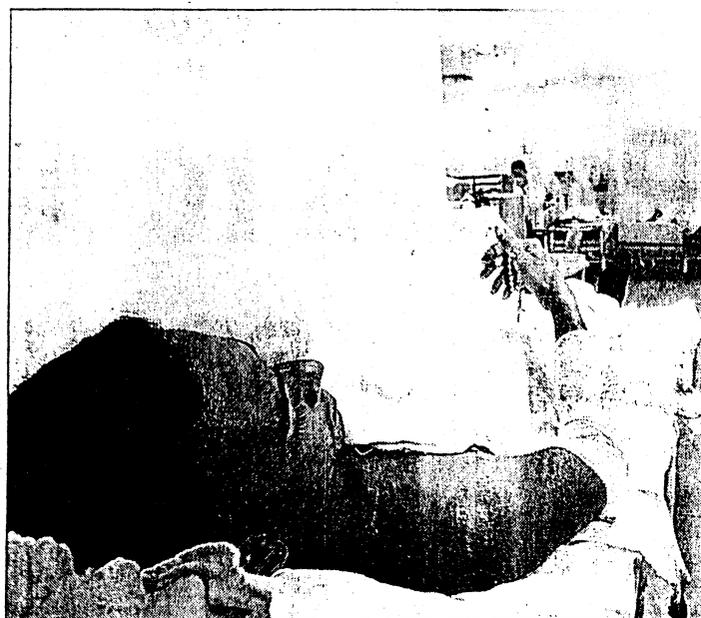
O motorista pulou da cadeira e se jogou no chão do coletivo, enquanto o desconhecido continuava disparando. Após descarregar a arma, o homem subiu na moto. Apesar de estar baleado, Getúlio sacou um revólver e disparou quatro vezes acertando

um dos acusados. Os dois, no entanto, conseguiram fugir. A estudante foi atingida com um tiro nas nádegas. "Isso foi

encomendado, porque sou o braço direito da minha irmã. Ela tem feito um bom trabalho e se matassem ela a repercussão seria maior", desabafou Getúlio.

O motorista foi levado para o Hospital Semec, em Camaragibe, e depois transferido para o Hospital Getúlio Vargas. Segundo os médicos, o quadro dele é estável e ele não corre risco de vida. Getúlio deve receber alta ainda hoje. A estudante Patrícia Moraes da Silva também passa bem e já está em casa.

Os parentes de Marta Lapenda acreditam que o crime tenha motivação política



VÍTIMA Getúlio passa bem e deverá receber alta hoje

■ Paulo Falcão

Apesar de não ter sido concluída, a perícia realizada na casa do publicitário Paulo Falcão identificou resíduos de medicamentos do grupo dos diazepínicos (tranquilizantes) dentro de uma taça de vinho. A taça foi recolhida do local do crime e examinada pelo Instituto de Criminalística (IC). A novidade pode vir a

■ Aborto

A auxiliar de enfermagem Marilurdes Perreira Chagas, 59, foi presa em flagrante ontem por prática de aborto. A polícia encontrou vários objetos cirúrgicos na sua casa, que fica em Ponto dos Carvalhos. A auxiliar, que trabalhava na maternidade do Hospital Bandeira Filho, confessou que praticava abortos há mais de 30 anos e cobrava entre R\$

Recife, quinta-feira, 9 de setembro de 1999

ALERTA

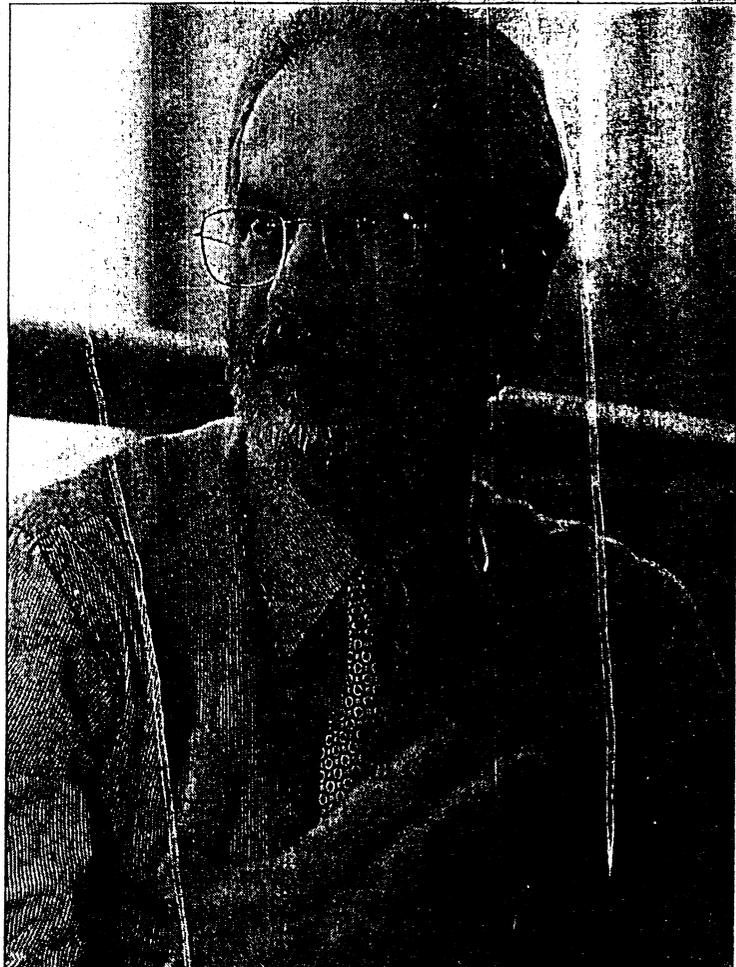
Tuberculose cresce no País

Robert Fabisak

Na avaliação de médicos pneumologistas, especialistas no tratamento das doenças pulmonares, o surgimento do vírus do HIV/Aids contribuiu ainda mais para o número crescente de portadores do bacilo de Koch, causador da tuberculose. Nos últimos anos, vem se registrando no Brasil, a cada 12 meses, uma média de 85 mil casos novos de tuberculose. "Esse número significa que, para cada dois mil habitantes, um já contraiu a doença", calcula o médico-pneumologista Murilo Guimarães.

Para discutir mais sobre o assunto e sobre outras doenças como asma, pneumonias, apnéia do sono (paradas respiratórias), além de outras enfermidades pulmonares, estão sendo realizados no Mar Hotel, em Boa Viagem, o IV Congresso Brasileiro de Endoscopia Respiratória e o VIII Congresso Norte-Nordeste de Pneumologia.

O evento, que começou ontem e vai até o próximo sábado, está reunindo especialistas nacionais e internacionais para debater temas sobre doenças infecto-contagiosas que proliferam pelo mundo inteiro e que cada vez mais estão mais resistentes aos remédios disponíveis no mercado.



Guimarães: doença se prolifera rapidamente

Para Murilo Guimarães, a falta de recursos e de cuidados na higiene também são responsáveis pela proliferação das doenças infecto-contagiosas. "O vírus da tuberculose, por exemplo, pode ser transmitido através da tosse ou do espirro", analisa.

Ele, que está presidindo os dois congressos, disse ainda

que eventos dessa natureza servem para confrontar idéias e opiniões de especialistas da área, no sentido de dar oportunidade a profissionais e estudantes para se atualizarem. Para conferir as conferências, basta fazer a inscrição na recepção do Mar Hotel, que fica na avenida Barão Souza Leão. Informações: 462.4444.

RECIFE, 16 de Setembro de 1999 - QUINTA-FEIRA

SANEAMENTO De tão vago, o edital da Compesa foi chamado de 'piada' pelo colunista Boechat

Edital da Compesa está incompleto

JOÃO CARLOS LACERDA/JC

ADRIANA SANTANA

Se depender do conteúdo do edital de privatização da Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa), a Bahia vai vender sua empresa de água e saneamento (Embasa) bem mais rápido do que Pernambuco. As diferenças nos documentos que anunciam o processo de venda das duas companhias, disponibilizados aos interessados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), são profundas. A Bahia sai ganhando por oferecer informações atuais sobre a situação da companhia, até via Internet, o que não acontece com a Compesa.

No edital da Embasa, elaborado para contratar duas empresas que irão avaliar o patrimônio do órgão e definir o modo em que ele deverá ser vendido, há anexos com dados detalhados sobre os sistemas de água e esgoto existentes no estado. Para cada sistema, há a discriminação das localidades e população atendidas, bem como as arrecadações de cada ligação. É possível saber, por exemplo, o quanto a Embasa arrecada somente na capital, Salvador (R\$ 13 milhões/mês), e o que isso representa nas finanças da companhia (52,7%).

Por outro lado, no edital para a contratação das empresas que



SAMPAIO Presidente não sabe se enviou dados

irão avaliar a Compesa, disponibilizado antes mesmo de o documento da Embasa, não há sequer anexos. Na Internet, o que está disponível é apenas os critérios da licitação pública e as tarefas que devem ser executadas pelos grupos que vão definir o valor mínimo e a modelagem de venda.

O presidente da Compesa, Gustavo Sampaio, afirma que a companhia enviou ao BNDES todas as informações referentes à empresa, mas reconhece que "há a possibilidade de um parecer elaborado por auditores particulares acerca da situação da Compesa não ter sido enviado".

MAL ENTENDIDO — "Deve ter acontecido um mal entendido. Talvez o BNDES não tenha juntado todas as informações, ou nós não enviamos tudo", acrescenta Sampaio. O BNDES, por sua vez, diz que esse documento está à disposição dos interessados na sede do banco, no Rio de Janeiro. No entanto, o parecer feito pela BDO Directa Auditores, a 12 de maio passado, sobre as condições da Compesa, indica que há limitações de dados na companhia para se realizar um estudo sobre saldos e valores.

No documento concluído pelo

BDO Directa, os auditores explicam que "a falta de registros e controles patrimoniais adequados sobre os bens que compõem o ativo (capital), bem como a não conciliação das contas bancárias de arrecadação... não permitiram a aplicação de todos os procedimentos de auditoria requeridos... sendo impraticável, também, calcular quaisquer efeitos sobre as contas de resultado afetadas, as mutações do patrimônio líquido, e as origens e aplicações dos recursos em exercício".

O BNDES, em nota de esclarecimento enviada ontem à tarde ao *Jornal do Commercio*, afirma que o edital da Compesa "foi elaborado nos mesmos moldes do Edital da Embasa, preservando-se apenas as peculiaridades relativas a cada empresa". A instituição salienta, ainda, que o parecer dos auditores independentes e todos os documentos relativos ao processo estão à disposição dos interessados.

O Banco não soube justificar o porque de, na *homepage* do órgão, o edital da Embasa conter um número maior de informações do que o da companhia pernambucana. As diferenças entre os dois editais foram tema de uma nota do colunista Ricardo Boechat, publicada ontem no *JC*, que chamou o texto da Compesa de 'piada'.

RECIFE, 8 de Setembro de 1999 - QUARTA-FEIRA

JORNAL DO COMMERCIO

Sociedade

Dia-a-Dia

ORISMAR RODRIGUES

orismar@jc.com.br

■ Bento Albuquerque faz palestra
hoje, na abertura do II Encontro
Médico, no Atlante Plaza.